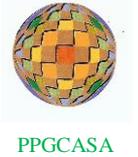




UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE E
SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA – PPGCASA



FRANCISCO ALCICLEY VASCONCELOS ANDRADE

CARACTERIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DO ARTESANATO EM MADEIRA
NO MUNICÍPIO DE PARINTINS SOB A ÓTICA DA SUSTENTABILIDADE

Manaus
2015

FRANCISCO ALCICLEY VASCONCELOS ANDRADE

CARACTERIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DO ARTESANATO EM MADEIRA
NO MUNICÍPIO DE PARINTINS SOB A ÓTICA DA SUSTENTABILIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA, CCA/ UFAM para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Vilma Terezinha de Araújo Lima

Manaus
2015

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Andrade, Francisco Alcicley Vasconcelos.
A553c Caracterização da Cadeia Produtiva do Artesanato em madeira no
município de Parintins sob a ótica da sustentabilidade/ Francisco Alcicley Vasconcelos
Andrade. 2015
101 f.: il. color; 31 cm.

Orientadora: Vilma Terezinha de Araújo Lima

Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na
Amazônia) - Universidade Federal do Amazonas.

1. Artesanato. 2. Sustentabilidade. 3. Políticas Públicas. 4. Turismo. 5.
Desenvolvimento Local. I. Lima, Vilma Terezinha de Araújo II. Universidade Federal
do Amazonas III. Título

FOLHA DE APROVAÇÃO

FRANCISCO ALCICLEY VASCONCELOS ANDRADE

CARACTERIZAÇÃO DA CADEIA PRODUTIVA DO ARTESANATO EM MADEIRA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS SOB A ÓTICA DA SUSTENTABILIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – PPGCASA, CCA/ UFAM para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia.

Aprovada em: 28/08 /2015

Banca Examinadora:

Prof^o Dr. Guillaume Antoine Emile Louis Marchand (UFAM)

Prof^a Dra. Elenise Faria Scherer (UFAM)

Prof^a Dra. Lileane Praia Portela de Aguiar (UNINORTE)

DA FLORESTA PRA VOCÊ

Toada do Boi-Bumbá Caprichoso

Composição: Adriano Aguiar e Geovane Bastos

[...]

Palhas, cipós, fibras de arumã
são trançadas

Tecidas viram cestarias

Em madeiras entalhadas retratam paisagens harmônicas

É o caboclo esculpindo a vida

Na Amazônia jarina é marfim,

pérola negra é o meu açaí

Com molongó, tento e pucá,

tem tucumã e caroço de inajá

Vem ver, vem ver

O artesão do Caprichoso

A Amazônia biojóia

Da floresta pra você

[...]

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida, pela saúde, fé e oportunidade de ter cursado este mestrado. Espero poder ajudar a construir um mundo melhor com a formação adquirida.

À Universidade Federal do Amazonas, ao Centro de Ciências do Ambiente e ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, pela possibilidade de cursar o mestrado.

Ao Professor e coordenador do PPGCASA, Dr. Henrique dos Santos Pereira e ao corpo técnico administrativo do Centro de Ciências do Ambiente.

À Professora Dra. Vilma Terezinha de Araújo Lima, pela gratificante orientação durante o transcurso deste trabalho, além da compreensão, paciência e apoio para a superação dos fatos e obstáculos que surgiram durante esta jornada.

Agradeço aos meus pais (o Sr. José Alcides Neto e Sra. Francisca Evanira Vasconcelos Andrade), ao meu irmão (Francisco Alcione de Vasconcelos Andrade), à minha irmã (Francisca Andrade Colares de Oliveira) e ao meu cunhado (Ricardo de Jesus Colares de Oliveira), pelo abrigo, transporte e alimentação em Manaus, por todo o apoio, orações, palavras de conforto e muita paciência comigo durante este período.

Ao Presidente da ASFAPIN, o sr. Carlos Alberto Brasil Souza, e a todos os artesãos associados pela disponibilidade de tempo e colaboração no fornecimento das informações necessárias à construção deste trabalho.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas – FAPEAM pelo apoio financeiro, viabilizando a realização desta pesquisa.

Aos meus familiares e a todos os artesãos e artesãs pela demonstração de carinho, confiança e seriedade pelas ruas e rios da região e que lutam incansavelmente a cada amanhecer

DEDICO

RESUMO

Esta dissertação consiste no estudo sobre o artesão e o artesanato em madeira do município de Parintins sob a ótica da sustentabilidade, tendo como objetivo geral: discutir sobre o artesão e o artesanato em madeira no município de Parintins sob a ótica da sustentabilidade. E como objetivos específicos: apresentar ações de políticas públicas voltadas para a organização e fortalecimento do setor do artesanato em madeira no município de Parintins; compreender a interação entre turismo e artesanato em madeira; discutir as dimensões da sustentabilidade ambiental, social, econômica e cultural da atividade do artesanato em madeira no município de Parintins – AM. As categorias de análise utilizadas para o embasamento teórico desta pesquisa são: artesanato, sustentabilidade, turismo, políticas públicas e desenvolvimento local. Para a compreensão da dinâmica da cadeia produtiva do artesanato em madeira realizado na comunidade de Santa Maria – Vila Amazônia e na cidade de Parintins/ AM foi realizada uma pesquisa *in loco* com 15 artesãos da Associação de Figurinistas e Artesãos de Parintins – ASFAPIN, apropriando-se de uma metodologia com abordagem qualitativa; cujos instrumentos de pesquisa adotados foram os formulários, entrevistas não-estruturadas, com registro fotográfico. A discussão permeou o fortalecimento do artesanato em madeira como economia de base endógena, assegurando a preservação da cultura local, a conservação dos recursos naturais, capacitação dos artesãos, bem como a geração de emprego e renda para famílias, o bem-estar e melhoria da qualidade de vida dos artesãos e familiares. O artesanato em madeira, por si só, poderá representar um potencial para o desenvolvimento do município, desde que esteja integrado de forma mais precisa a outros setores, como por exemplo, o turismo, que pode ser objeto de ações estratégicas com foco no desenvolvimento local. Na interação entre turismo e o artesanato em madeira em Parintins, observou-se que, este último possui estreita relação com o evento mais expoente do calendário turístico anual que ocorre no mês de junho, o Festival Folclórico, destacando os bois-bumbás Garantido e Caprichoso. Nos cenários nacional e internacional, Parintins possui uma “marca” que a diferencia das demais localidades produtoras de artesanato, denominada “Terra dos Bois-Bumbás”, frase esta descrita na base das peças artesanais. Outro evento é a temporada dos transatlânticos, entre os meses de novembro a abril, onde o público-consumidor são turistas internacionais. Estes, por sua vez, além da compra dos bois-bumbás em miniatura, réplicas de aves, répteis e embarcações regionais são também comercializadas. De acordo com a pesquisa, conclui-se que o artesanato em madeira no município de Parintins – AM é insustentável sob a dimensão ambiental, pois a matéria-prima é retirada de áreas não-manejadas, gerando futuramente escassez de determinadas espécies de madeira, e consequentemente, comprometendo a continuidade da atividade. Assim, pensar o artesanato em madeira em sua totalidade, é potencializar uma atividade voltada para o desenvolvimento local, servindo como base e instrumento para elaboração de políticas públicas e estratégias sustentáveis de desenvolvimento.

Palavras-chave: Artesanato; Sustentabilidade; Políticas Públicas; Turismo; Desenvolvimento Local.

ABSTRACT

This dissertation is the study on the characterization of handcraft production chain wood Parintins city from the perspective of sustainability, with the overall objective: to characterize the handcraft production chain of wood in the city of Parintins, from the perspective of sustainability. And the following objectives: to present public policy actions for the organization and strengthening of handcraft industry of wood in the city of Parintins; understand the interaction between tourism and wood handcrafts; Discuss the dimensions of environmental, social, economic and cultural sustainability of wood handcrafts activity in the city of Parintins - AM. The categories of analysis used for the theoretical basis of this research are: crafts, sustainability, tourism, public policies and local development. For understanding the dynamics of wood crafts production chain held in the community of Santa Maria - Vila Amazon and the city of Parintins / AM was conducted an on-site survey of 15 artisans of the Association of Costume Designers and Artisans of Parintins - ASFAPIN, appropriating a methodology with qualitative approach; whose research instruments used were the forms, unstructured interviews with photographic record. The discussion permeated the strengthening of wooden handicrafts as endogenous based economy, ensuring the preservation of local culture, conservation of natural resources, the training of artisans, as well as the generation of jobs and income for families, the welfare and improvement of quality of life of artisans and family. The wooden handcrafts, by itself, could be a potential for the development of the municipality, provided it is integrated more accurately with other sectors, such as tourism, which may be the subject of strategic initiatives focused on local development. The interaction between tourism and the wood handcrafts in Parintins, it was observed that the latter has close relationship with the most representative event of the annual tourist calendar which takes place in June, the Folk Festival, highlighting the oxen-bumbás Guaranteed and Capricious . The national and international scenarios, Parintins has a "brand" that differentiates it from other places producing handcraft, called "Land of Oxen-Bumbás" phrase is described on the basis of handcraft items. Another event is the season of transatlantic, between the months November to April, where the consumer audience is international tourists. These, in turn, in addition to buying the oxen-bumbás miniature replica of birds, reptiles and regional vessels are also marketed. According to the survey, it is concluded that the wooden handcrafts in the city of Parintins - AM is unsustainable in the environmental dimension, because the raw material is taken from non-managed areas in the future generating scarcity of certain wood species, and consequently compromising the continuity of the activity. So think of wooden handcrafts in its entirety, is to strengthen one activity aimed at local development, serving as the basis and instrument for public policy development and sustainable development strategies.

Keywords: Handcrafts; Sustainability; Public Policy; Tourism; Local development.

LISTA DE SIGLAS

ABEXA - Associação Brasileira de Exportação do Artesanato

ABREMAR - Associação Brasileira de Representantes de Empresas Marítimas

AFEAM – Agência de Fomento do Estado do Amazonas

ANPEX - Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos

APL – Arranjo Produtivo Local

ASFAPIN – Associação dos Figurinistas e Artesãos de Parintins

BASA – Banco da Amazônia S.A.

DL – Desenvolvimento Local

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ICMS – Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços

IDAM - Instituto de Desenvolvimento Agropecuário e Florestal Sustentável do Estado do Amazonas

IDH – Índice de Desenvolvimento Humano

IFAM – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

MDIC – Ministério do Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio

MINC – Ministério da Cultura

ONG – Organização Não-Governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PAB – Programa do Artesanato Brasileiro

PAM – Programa do Artesanato Amazonense

PIB – Produto Interno Bruto

PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento

PPA – Plano Plurianual

PROMOART - Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural

SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas

SENAC - Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

SESC - Serviço Social do Comércio

SESI – Serviço Social da Indústria

SETRAB – Secretaria de Estado do Trabalho

SICAB – Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro

SNPH - Superintendência Estadual de Navegação, Portos e Hidrovias

UEA – Universidade do Estado do Amazonas

UFAM - Universidade Federal do Amazonas

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: As forças entrantes e os pilares do Desenvolvimento Local.....	37
Figura 02: Mapa de localização do município de Parintins, a sede municipal e a Vila Amazônia.....	39
Figura 03: Transatlântico ancorado no meio do rio Amazonas e o pequeno <i>boat</i> realizando a travessia.....	55
Figura 04: Oficinas de artesanato improvisadas no fundo do quintal.....	61
Figura 05: Etapas do processo produtivo do artesanato em madeira.....	66
Figura 06: Ouriços de Castanhas.....	67
Figura 07: Ferramentas mecanizadas utilizadas na confecção e acabamento das peças artesanais (lixadeira elétrica portátil, serra e furadeira elétrica).....	68
Figura 08: Ferramenta mecanizada utilizadas no acabamento das peças artesanais (lixadeira elétrica de mesa).....	68
Figura 09: Artesão entalhando a peça.....	69
Figura 10: Participação feminina no acabamento das peças artesanais em madeira.....	69
Figura 11: Jovem comercializando as peças artesanais em <i>stands</i> de exposição.....	70
Figura 12: Quadros e réplicas de remos confeccionados de Ucuúba-Vermelha.....	72
Figura 13: Réplicas de barcos regionais confeccionados de Molongó.....	72
Figura 14: Porta-lápis confeccionados de Bambu.....	73
Figura 15: Comercialização do artesanato em <i>stands</i> de exposição.....	83
Figura 16: Comercialização do artesanato no porto de Parintins, com a temporada dos transatlânticos.....	83
Figura 17: Comercialização do artesanato na própria residência da artesã.....	83
Figura 18: Fluxograma da Cadeia Produtiva do artesanato em madeira de Parintins/ AM.....	84

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Quantidade Anual de Turistas Internacionais dos cruzeiros marítimos no Amazonas.....	56
Gráfico 02: Faixa Etária dos Artesãos.....	59
Gráfico 03: Nível de Escolaridade dos Artesãos.....	60
Gráfico 04: Tempo que exerce a atividade do artesanato.....	62
Gráfico 05: Formas de Aprendizado das técnicas do artesanato.....	63
Gráfico 06: Acidentes e doenças adquiridas com o exercício da atividade.....	64
Gráfico 07: Horas diárias dedicadas à produção do artesanato.....	65
Gráfico 08: Critérios de determinação do valor das peças de artesanato em madeira.....	70
Gráfico 09: Demais atividades complementares ao artesanato em madeira.....	81
Gráfico 10: Períodos de maior volume de vendas de artesanato em madeira.....	82

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Resumo das Características das Tipologias Artesanais.....	30
Quadro 02: Municípios atendidos pelo PAM e as tipologias artesanais desenvolvidas.....	49
Quadro 03: Ações, Parcerias e Resultados Esperados na implantação do PAM.....	50
Quadro 04: Oportunidades e fragilidades da interação entre turismo e artesanato em Parintins.....	57
Quadro 05: Categorias/ Dimensões e as Variáveis elencadas para análise.....	58
Quadro 06: Programação da Temporada 2013–2014 de Cruzeiros no Porto de Parintins.....	99
Quadro 07: Programação da Temporada 2014–2015 de Cruzeiros no Porto de Parintins.....	100

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	16
CAPÍTULO I – ARTESANATO, SUSTENTABILIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL	20
1.1 PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS DA SUSTENTABILIDADE.....	20
1.2 DIMENSÕES E BASES DA SUSTENTABILIDADE.....	25
1.3 CONCEITOS DE ARTESANATO E ARTESÃO.....	27
1.4 TIPOLOGIAS ARTESANAIS.....	30
1.5 ARTESANATO E DESENVOLVIMENTO LOCAL.....	33
CAPÍTULO II - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	38
2.1 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO.....	38
2.1.1 Município de Parintins	38
2.1.2 Vila Amazônia	38
2.2 ABORDAGEM DA PESQUISA.....	40
2.3 TÉCNICAS DE PESQUISA.....	40
2.3.1 Coleta de Dados	40
2.4 ANÁLISE DOS DADOS.....	41
2.5 UNIVERSO DA PESQUISA E AMOSTRAGEM.....	41
CAPÍTULO III: ARTESANATO, TURISMO E POLÍTICAS PÚBLICAS	42
3.1 POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA O SETOR DO ARTESANATO.....	42
3.2 DIÁLOGOS ENTRE O TURISMO EM PARINTINS E O ARTESANATO EM MADEIRA.....	51
CAPÍTULO IV: CARACTERIZAÇÃO DO SETOR DE ARTESANATO EM MADEIRA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS	58
4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DO ARTESÃO.....	59

4.2 TRAJETÓRIA DE VIDA.....	61
4.3 ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO.....	65
4.4 CARACTERIZAÇÃO DAS ESPÉCIES DE MADEIRA UTILIZADAS NA CONFECÇÃO DO ARTESANATO.....	71
4.5 DISCUSSÃO DAS DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE E O ARTESANATO EM MADEIRA EM PARINTINS.....	75
4.5.1 Sustentabilidade Social.....	75
4.5.2 Sustentabilidade Cultural.....	77
4.5.3 Sustentabilidade Ambiental.....	79
4.5.4 Sustentabilidade Econômica.....	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	86
REFERÊNCIAS.....	89
APÊNDICES.....	94
ANEXOS.....	99

INTRODUÇÃO

Historicamente, desde o início do processo de colonização até a contemporaneidade, a Amazônia sempre foi caracterizada como um ambiente inesgotável de matéria-prima, principalmente por mercados estrangeiros, pois sua diversidade propicia investimentos em pesquisa e na exploração propriamente dita dos recursos naturais, em que esta última, na maioria das vezes, ocorre de maneira abusiva, se apropriando dos conhecimentos da população local para aquisição de matéria-prima e mão-de-obra barata, gerando perda de identidade cultural, agravando mais ainda os problemas socioambientais.

Diante deste cenário, percebe-se a importância de discutir o artesanato como alternativa para valorização e conservação da cultura local, assim como, para geração de benefícios sociais, ambientais, econômicos e culturais. De acordo com dados do Sebrae (2004), o artesanato é uma atividade capaz de utilizar todo o conhecimento adquirido ancestralmente pelas populações tradicionais para valorizar, resgatar e divulgar a sua cultura; além de gerar renda e ter um grande potencial de melhoria para a vida dessas populações. Conquistando novos mercados e ganhando outro sentido, o artesanato tem se tornado uma atividade economicamente viável, agregando valor aos seus produtos e alcançando qualidade.

A organização da atividade do artesanato pode ocorrer sob diversas formas, seja de forma individual, ou pode ser operacionalizada de maneira coletiva, através de cooperativas e associações. Sob o caráter da produção e comercialização, o artesanato proporciona ao artesão, uma visão sistêmica do processo produtivo, conhecendo todas as etapas, desde a escolha correta da espécie da madeira até a comercialização do produto acabado. De acordo com Fleury (1999), a produção ocorre em pequenos locais e é bastante personalizada, gerando, em consequência, uma baixa produtividade. O conhecimento tácito é o responsável, em maior escala, pela realização da atividade, cuja transmissão se dá de maneira empírica.

No Brasil, além do crescimento da atividade turística, a rapidez das mudanças sociais, econômicas e políticas dos últimos anos tem alterado radicalmente também o mercado de trabalho, com redução drástica de postos de trabalho nos diversos ramos da economia. Assim, o mercado de trabalho apresenta nova dinâmica, caracterizada por declínio e precarização do emprego formal assalariado, expansão de emprego assalariado sem carteira assinada e dos empregos por “conta-própria”, além da introdução de novas formas e oportunidades de trabalho, no chamado setor informal da economia. Nesse momento o

artesanato é considerado como uma dessas atividades alternativas de geração de trabalho e renda para aqueles que não conseguem se inserir no mercado formal de trabalho. (LEMOS, 2011).

De acordo com dados do Ministério do Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio (MDIC, 2012), existem aproximadamente 9 milhões de artesãos no Brasil, responsáveis por uma acumulação financeira de 28,5 bilhões ao ano, impulsionados pelo turismo doméstico e internacional. Em 2010, com a criação da ABEXA – Associação Brasileira de Exportação do Artesanato, a exportação do artesanato brasileiro ficou mais fortalecida, com o apoio de instituições do Sistema S¹ e a ANPEX – Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos, e hoje, a entidade possui em torno de 17 associados, incluindo empresas, associações e cooperativas de artesanato das regiões Nordeste, Sul e Sudeste. É importante destacar que o artesanato comercializado para o exterior, em sua totalidade, é produzido com matéria-prima legalizada e certificada, visto que é uma das exigências internacionais para o comércio de produtos com insumos florestais (madeira, sementes e cipós).

No Estado do Amazonas, segundo dados da assessoria de imprensa da Secretaria de Estado do Trabalho - SETRAB existem 5.000 artesãos que estão cadastrados e possuem a Carteira Nacional de Artesão padronizada pelo MDIC. Outros 20.000 artesãos não são cadastrados e necessitam obter a nova carteira para usufruírem dos benefícios da formalização profissional. A carteira facilita o acesso a financiamentos junto às instituições financeiras e a isenção do ICMS (Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços).

O artesanato deve ser concebido como um importante elemento do produto turístico local, proporcionando potencial para o desenvolvimento turístico no município de Parintins. O artesanato é comercializado em todo o ano, porém de acordo com Saunier (2008), os meses que alavancam o volume de vendas das peças de artesanato em madeira são: mês de junho, com o Festival Folclórico de Parintins; o mês de julho, com a Festa da Padroeira “Nossa Senhora do Carmo”; e entre os meses de novembro a maio, com o período da chegada dos transatlânticos², com uma média de 18 cruzeiros a cada temporada, oriunda de países como Canadá, Estados Unidos, Suíça, Inglaterra e Austrália. O artesanato em madeira, que

¹ Conjunto de instituições de interesse de categorias de interesse profissional, e que iniciam com a letra S (SEBRAE, SENAC, SENAI, SENAR, SESI, SESC)

² Em anexo a programação da temporada de cruzeiros com escala na cidade de Parintins, nos períodos 2013-2014 e 2014-2015.

constituiu-se como o foco da pesquisa, é o tipo mais comum encontrado nos *stands* e feiras de artesanato da associação e representa a cultura local dos Bois-bumbás e o próprio cenário amazônico.

A partir deste quadro, esta dissertação teve como objetivo geral: discutir sobre o artesão e o artesanato em madeira no município de Parintins sob a ótica da sustentabilidade. Teve como objetivos específicos: apresentar ações de políticas públicas voltadas para a organização e fortalecimento do setor do artesanato em madeira no município de Parintins; compreender a interação entre turismo e artesanato em madeira no município de Parintins; e discutir as dimensões da sustentabilidade ambiental, social, econômica e cultural da atividade do artesanato em madeira no município de Parintins – AM.

A compreensão de uma determinada realidade problematizada é construída a partir de uma sólida base teórica de conceitos e estudos pertinentes à temática. Assim, foram realizados levantamentos histórico-conceituais e análise dos autores expoentes que discutem sustentabilidade e suas interfaces, e em um segundo momento, estabeleceu-se uma relação entre artesanato, turismo e políticas públicas.

No primeiro capítulo intitulado “Artesanato, Sustentabilidade e Desenvolvimento Local” foi realizado um levantamento histórico-evolutivo sobre os conceitos de Ecodesenvolvimento e sustentabilidade, assim como a discussão do artesanato no contexto do desenvolvimento local, as tipologias artesanais e os diferentes conceitos de artesanato e artesão.

No segundo capítulo, foram apresentados os procedimentos metodológicos, caracterizando a área de estudo (cidade de Parintins e comunidade Santa Maria – Vila Amazônia), o método, os instrumentos, a abordagem da pesquisa, o universo amostral e procedimentos de análise de dados.

No terceiro capítulo intitulado “Artesanato, Turismo e Políticas Públicas” foi discutido sobre o papel das políticas públicas voltadas ao setor do artesanato, contextualizando com ações de programas federais como o Programa Brasileiro do Artesanato – PAB, o Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural – PROMOART e atividades integradas do Sebrae; e a nível estadual, o Programa do Artesanato Amazonense – PAM. Na segunda parte, discutiu-se o artesanato inserido como produto turístico local, visto que o próprio Festival Folclórico e o cenário amazônico (fauna e flora) proporcionam a confecção de peças que valorizam a identidade cultural da região.

No capítulo quatro, elencou-se algumas variáveis relacionadas com o artesanato, tais como: perfil socioeconômico, trajetória de vida, organização da produção, caracterização das espécies de madeira utilizadas na confecção do artesanato, acesso aos mercados, sustentabilidade ambiental, social, econômica e cultural. Para cada categoria/dimensão elencada, foram discutidas as suas variáveis, com o objetivo de conhecer a realidade e o modo de vida e de trabalho dos artesãos, evidenciando o contexto ambiental, social, econômico e cultural da atividade.

Nas Considerações Finais, expôs-se fatores críticos da avaliação das dimensões elencadas, limitações no processo da pesquisa e propostas de alternativas viáveis para o efetivo desenvolvimento da atividade do artesanato em madeira de Parintins, articulado com o turismo, políticas públicas e desenvolvimento local.

CAPÍTULO I: ARTESANATO, SUSTENTABILIDADE E DESENVOLVIMENTO LOCAL

A relevância deste capítulo se dá pela discussão necessária entre artesanato, sustentabilidade e desenvolvimento local, evidenciando o processo histórico-evolutivo dos conceitos de sustentabilidade desde a década de 1950 até a Rio+20 e suas dimensões, seja ambiental, econômica, social, política, cultural e geográfica. É importante destacar os diversos conceitos de artesão e artesanato, apresentando suas tipologias e características pertinentes. Ao final, discutiremos o artesanato e desenvolvimento local, propondo os pilares (geração de emprego e renda, associativismo/ cooperativismo, sensibilização ambiental, articulação com atores locais e organização da atividade produtiva) e as bases (qualidade de vida, conservação dos recursos naturais, eficiência econômica e competitividade e valorização da identidade cultural) para que haja uma sinergia entre esses elementos, objetivando a sustentabilidade multidimensional da atividade artesanal.

1.1 PRESSUPOSTOS CONCEITUAIS E HISTÓRICOS DA SUSTENTABILIDADE

De acordo com Nascimento (2012) a ideia de sustentabilidade ganha corpo e expressão política na adjetivação do termo desenvolvimento, fruto da percepção de uma crise ambiental global. Essa percepção percorreu um longo caminho até a estruturação atual, cujas origens mais recentes estão plantadas na década de 1950, quando pela primeira vez a humanidade percebeu a existência de um risco ambiental global: a poluição nuclear. Os seus indícios alertaram os seres humanos de que estamos em uma nave comum, e que problemas ambientais não estão restritos a territórios limitados.

O conceito de sustentabilidade surgiu com o nome de ecodesenvolvimento nos anos 1970. Foi fruto do esforço para encontrar uma terceira via opcional àquelas que opunham, de um lado, desenvolvimentistas e, de outro, defensores do crescimento zero. Para estes últimos, chamados de zeristas ou (pejorativamente) neomalthusianos, os limites ambientais levariam a catástrofes se o crescimento econômico não cessasse (ROMEIRO, 2012).

Sachs (2002) conceitua o ecodesenvolvimento como um processo criativo de transformação do meio com a ajuda de técnicas ecologicamente prudentes, concebidas em função das potencialidades desse meio, impedindo o desperdício exacerbado dos recursos, e cuidando para que estes sejam empregados na satisfação das necessidades de todos os membros da sociedade, dada a diversidade dos meios naturais e dos contextos culturais.

O conceito de ecodesenvolvimento foi usado pela primeira vez por Maurice Strong em 1973, como alternativa para o uso ecológico dos recursos naturais, configurava-se como um modelo de desenvolvimento baseada na racionalização destes recursos e na valorização dos saberes e técnicas locais de produção; o modelo se opunha à apropriação de modelos de crescimentos e tecnologias não apropriadas, incentivando a autonomia das populações e sua independência cultural (LIMA, 1997).

O termo sustentabilidade tem sido o mais abordado nas ultimas décadas e não surgiu de repente como uma fórmula das Nações Unidas para a resolução dos problemas ambientais globais. É uma construção teórica resultante de um longo processo histórico de evolução de paradigmas de relacionamento entre sociedade e natureza. Essa evolução não foi linear; houve justaposição de ideias em um momento histórico, porque um modelo não conseguia responder a todas as questões de gestão ambiental ou desenvolvimento. A proposta da sustentabilidade, ao incorporar diversas correntes de pensamentos, foi sempre buscando, em termos conceituais, um vínculo maior entre os aspectos sociais, econômicos e ecológicos do desenvolvimento.

Camargo (2003, p. 23) argumenta ainda que:

No século XIX, já havia, entre alguns ambientalistas, uma preocupação com a preservação ambiental. Denúncias de destruição das áreas naturais eram feitas em congressos científicos, e existiam movimentos para criação de Unidades de Conservação. Ideias precursoras da sustentabilidade estavam presentes nas formulações do conservacionista Gifford Pinchot, que propunha a exploração racional dos recursos naturais para benefício da maioria das pessoas, incluindo as gerações futuras, evitando o desperdício (CAMARGO, 2003, p. 23).

O modelo convencional vigente começou a perder força em fins da década de 1960, quando as preocupações ambientais cresceram, devido a intensificação e globalização da poluição, assinalando o surgimento do paradigma da proteção ambiental. Os debates em torno dos temas ambientais aprofundaram-se mais ainda na década de 1970, em razão do maior conhecimento sobre a dinâmica dos ecossistemas e pela apropriação do termo sustentabilidade

na Declaração de *Cocoyoc* e no Relatório de *Que Faire*; este conceito passa a ser usado pelas organizações internacionais, por ter uma conotação ideológica menos radical que o ecodesenvolvimento e mais condizente com a fase de introdução de uma forma de desenvolvimento menos agressivo ao ambiente (CHAVES e NOGUEIRA, 2000).

A I Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente Humano foi realizada em 1972, em Estocolmo, na Suécia, e se tornou um marco histórico oficializando o nascimento das preocupações internacionais com o ambiente, evidenciando o crescimento populacional, a urbanização, a tecnologia e a poluição, além da inserção da temática pobreza nas pautas de discussão da sustentabilidade.

Em 1973, a Organização das Nações Unidas deslocou o debate para uma comissão técnica que produziu *Only one Earth*. O documento considerava a problemática ambiental como consequências da dinâmica econômica próprias do excesso de desenvolvimento, através de tecnologias agressivas e consumo excessivo, e por outro lado, a ausência de desenvolvimento, marcado pelo boom demográfico e baixo PIB per capita. Assim, a dimensão ambiental expande seu campo de visão para além do meio natural e adentra o espaço social, formando a tríade ambiental-econômico-social. Nessa mesma data, a crise do petróleo veio fortalecer a questão ambiental e colocou a necessidade de uma nova ordem econômica internacional e de uma nova concepção de desenvolvimento em função da escassez dos recursos.

No início da década seguinte, teve lugar a Conferência de Nairobi, promovida pela Unep em 1982, quando se decidiu pela criação de uma Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, cuja chefia foi exercida pela primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland. Em 1987, o relatório *Nosso Futuro Comum* retoma as discussões e consolida sua definição como: Aquele que satisfaz as necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras satisfazerem suas próprias necessidades (CNUMAD, 1991).

A sustentabilidade foi tema central de discussão na II Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Eco-92), realizada em 1992, no Rio de Janeiro. Conhecida como a Conferência da Terra, a Conferência Rio 92 tinha como objetivos fundamentais conseguir um equilíbrio justo entre as necessidades econômicas, sociais e ambientais das gerações presentes e futuras e formar base para uma associação mundial entre

países desenvolvidos e em desenvolvimento, comprometendo governos e sociedade, engajados numa sensibilização e compreensão das necessidades comuns.

Um dos seus principais documentos de ação foi a Agenda 21, assinado pelos governantes de 170 países, que fornecia diretrizes para alcançar a sustentabilidade do planeta no século XXI.

O processo de reformulação da Agenda 21 foi diferenciado, de acordo com Lemos (2011), concedendo um novo significado à dimensão local, uma vez que criou um espaço de diálogo e negociação o qual favoreceu uma mudança na forma de ver o papel do Estado em relação aos problemas socioambientais. A Agenda 21 fragmentou o conceito de sustentabilidade em:

Sustentabilidade Ecológica: refere-se ao contexto físico do processo de crescimento e tem como objetivo a manutenção de estoques de capital natural inseridos nos sistemas produtivos.

Sustentabilidade Ambiental: refere-se à manutenção da capacidade dos ecossistemas, o que implica na capacidade de absorção e recomposição dos ecossistemas, em face das interferências antrópicas.

Em setembro de 2002, realizou-se em Joannesburgo, na África do Sul, a Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável, Rio +10, cujas negociações foram centralizadas na temática da pobreza e das ações da Agenda 21 que ainda não haviam sido implementadas. Nessa reunião, nenhum documento significativo foi assinado.

Em 2012, vinte anos após a Cúpula da Terra de 1992, aconteceu no Rio de Janeiro, a retomada da Agenda 21 – um plano para repensar o crescimento econômico, avançar na igualdade social e assegurar a proteção ambiental, onde a ONU reuniu-se com governos, instituições internacionais e *major groups*³ para acordar uma série de medidas inteligentes que possam reduzir a pobreza e, ao mesmo tempo, promover o trabalho decente, energia limpa e o uso mais justo e sustentável dos recursos. As discussões oficiais focaram em dois temas principais: como construir uma economia verde para alcançar o desenvolvimento sustentável e retirar as pessoas da pobreza, incluindo o apoio aos países em desenvolvimento, que os

³ A Agenda 21 define nove *major groups*: mulheres; crianças e jovens; povos indígenas; ONGs; autoridades locais; trabalhadores e sindicatos; empresários e industriais; a comunidade técnica e científica e agricultores.

permitirá seguir o caminho verde para o desenvolvimento; e como melhorar a coordenação internacional para o desenvolvimento sustentável.

Segundo Lima (1997), sustentabilidade é mais bem entendida como um processo de mudança do que como um processo de estabilidade – é um processo de adaptação à mudança, de auto-organização e de busca de equilíbrios permanentes, para ajustar as relações dos sistemas ecológicos, econômicos e sociais dentro de um sistema único e global. Segundo essa perspectiva, sustentabilidade é um conceito ecológico, uma vez que aborda elementos característicos do funcionamento dos ecossistemas, como a flexibilidade, resiliência ou adaptação às mudanças. A sustentabilidade do desenvolvimento significa que os sistemas (ecológico, econômico e social) precisam ter habilidade para seguir funcionando sem comprometer os recursos disponíveis, ou seja, sem diminuí-los ou esgotá-los de forma irreversível.

Melo Neto e Fróes (2002, p. 67) apresentam alguns objetivos importantes para que uma sociedade alcance a plenitude da sustentabilidade sob todas as dimensões, a saber:

- Criar um ambiente comunitário com ampla capacidade de iniciativa e proatividade das pessoas;
 - Capacidade de inovar e enfrentar os problemas socioambientais;
 - Promover atividades produtivas que geram emprego e renda para os moradores locais;
 - Ter acesso equitativo a terra, moradia, e serviços públicos básicos, bem como informações essenciais para o exercício da cidadania;
 - Utilizar racionalmente os recursos disponíveis, sem comprometer as gerações presentes e futuras;
 - Preservar a cultura local, tradições, ritos e costumes;
 - Apropriar-se de tecnologias limpas, gerando baixo índice de resíduos e poluição
- (MELO NETO E FRÓES, 2002, p. 67)

Assim, o conceito de sustentabilidade inovou por não referir-se apenas aos problemas ambientais, mas também, as inter-relações entre os tipos de desenvolvimento e suas consequências sobre a natureza, buscando a sustentabilidade através do equilíbrio entre os aspectos econômicos, políticos, éticos, sociais, culturais e ecológicos; também destaca a cooperação internacional, ao levantar questões como agravamento dos problemas ambientais e da pobreza que atrapalham o desenvolvimento sustentável, a satisfação das necessidades básicas e inovação tecnológica baseada no uso de fontes energéticas renováveis.

1.2 DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE

Nascimento (2012, p. 02) caracteriza as dimensões da sustentabilidade como um “trevo de três folhas”:

A primeira diz respeito à equidade social, com o objetivo de erradicar a pobreza e definir o padrão de desigualdade aceitável e que ninguém absorva irracionalmente os recursos naturais, para que todos tenham acesso aos mesmos, visando uma justiça social. A segunda diz respeito à eficiência econômica, trata-se daquilo que alguns denominam como ecoeficiência, que supõe uma contínua inovação tecnológica que nos leve a sair do ciclo fóssil de energia (carvão, petróleo e gás) e a ampliar a desmaterialização da economia. A terceira diz respeito a preservação ambiental, através do uso responsável e racional dos recursos naturais, com o intuito de propiciar a resiliência dos ecossistemas (NASCIMENTO, 2012, p. 02).

Outros autores discutem além do “trevo de três folhas”, abordando ainda as dimensões espaciais; demográfica; ética; estética; política; cultural, com o objetivo de questionar os padrões de consumos atuais, baseado no modelo de reprodução ampliado de capital; e a dimensão tecnológica.

Esta última, Robert Solow (2000) *apud* Andrade e Fraxe (2013) toma como séria a questão da finitude dos recursos naturais, porém, ao contrário dos críticos da economia dominante, considera que o homem é capaz de construir as respostas necessárias a esse desafio da sustentabilidade sem grandes mudanças sociais, mas tecnológicas. Isto é, as inovações tecnológicas são capazes de reduzir essa grande problemática, tais como exemplos, a adoção de energias renováveis, estação de tratamento de água, investimentos em transportes públicos híbridos etc.

Sachs (2002) conceitua a sustentabilidade de forma abrangente o qual apresenta cinco dimensões principais:

Sustentabilidade social - processo de desenvolvimento que conduz a um padrão estável de crescimento com a distribuição mais equitativa da renda, assegurando uma significativa melhoria do acesso a bens e serviços sociais das grandes massas da população e seus direitos.

Sustentabilidade econômica - possível devido ao fluxo constante de inversões públicas e privada, além da alocação e manejo eficientes dos recursos naturais.

Sustentabilidade ecológica - é o uso máximo do potencial da biodiversidade sem que este se deteriore, aproveitando integralmente a matéria-prima disponível com o mínimo de impacto ambiental, através da busca de conservação de energia e recursos, substituir recursos escassos por renováveis ou em abundância, desenvolver tecnologias capazes de com o mínimo de impacto obter o máximo de eficiência.

Sustentabilidade geográfica - busca de uma distribuição mais equilibrada da população, para que não haja concentração da população em áreas urbanas, por exemplo, estabelecer unidades de conservação para proteger a diversidade biológica e ao mesmo tempo, ajudar a população local a viver melhor.

Sustentabilidade cultural – objetiva adaptar o conhecimento e a cultura tradicional à contemporaneidade, mantendo-os atuais e permanentes nas próximas gerações.

Assim, a trajetória da sustentabilidade deixa apenas de ser unidimensional, mas multidimensional, ou seja, requer mudanças nas dimensões social, ecológica, geográfica, econômica e cultural. A dimensão temporal não deve ser esquecida, pois como se trata de um processo, é preciso considerar não somente o curto prazo, mas também o longo prazo. A dimensão político-institucional também não pode ser desvinculada, pois implica, sobretudo na redução da pobreza e desigualdades sociais, geração de emprego e renda, conservação ambiental, implementação de políticas públicas entre outros.

Neste sentido, discutiu-se as dimensões e a trajetória da sustentabilidade, importantes para a compreensão da dinamicidade da atividade artesanal sob os aspectos ambientais, sociais e econômicos. No tópico a seguir, faz-se necessário conhecer os conceitos e as diferentes visões do “ser” artesão e do “fazer” artesanato.

1.3 CONCEITOS DE ARTESANATO E ARTESÃO

Tomada em sua acepção original, a palavra artesanato significa um fazer ou o objeto que tem por origem o fazer ser eminentemente manual. Isto é, são as mãos que executam o trabalho. São elas o principal, senão o único, instrumento que o homem utiliza na confecção do objeto. O uso de ferramentas, inclusive máquinas, quando e se ocorre, se dá de forma apenas auxiliar, como um apêndice ou extensão das mãos, sem ameaçar sua predominância (LIMA, 2007).

O termo artesanato é considerado impreciso e de conceituação dinâmica, de acordo com a ótica e abordagem de cada autor. Para Rocha (s.d.), artesanato é a forma de ocupação ou trabalho, geradora de bens materiais produzidos por meios técnicos, geralmente tradicionais, com a utilização de instrumentos rudimentares. Nesse contexto, o autor concebe o artesanato como uma forma de produção baseada apenas em instrumentos rudimentares e manuais, sem a intervenção de processos mecanizados.

De acordo com o MDIC (2012, p.56) o artesanato compreende toda a produção resultante da transformação de matérias-primas, com predominância manual, por indivíduo que detenha o domínio integral de uma ou mais técnicas, aliando criatividade, habilidade e valor cultural (possui valor simbólico e identidade cultural), podendo no processo de sua atividade ocorrer o auxílio limitado de máquinas, ferramentas, artefatos e utensílios. As matérias-primas utilizadas na produção podem ser naturais, semiprocessadas, processadas industrialmente ou constituídas de materiais recicláveis.

Percebe-se que o trabalho manual deve ser predominante para caracterizar-se como artesanato, e que o uso de ferramentas e máquinas deve ser restrito, e que não impeçam o contato direto do artesão com a matéria-prima, pois o referido contato humaniza o objeto e proporciona identidade ao produto, sempre evidenciando a cultura local, a inexistência de produção em larga escala e o desenvolvimento da criatividade humana.

Silva (2006) segue na mesma linha teórica que o MDIC (2012), considerando que a maior parte do trabalho seja manual, com a utilização mínima de máquinas, considerando como produtos artesanais aqueles produzidos por artesãos, totalmente à mão ou com a ajuda de ferramentas manuais, ou, com a utilização de meios mecânicos, desde que a contribuição manual direta do artesão seja o componente mais importante do produto acabado.

Artesanato também é definido por Faria e Garcia (2002) como fruto gerado da cultura popular, da feitura de objetos relacionados à temática folclórica dos países com

emprego de técnicas primitivas de fabricação. Nesse conceito, os autores inserem o fator cultural, visto que é imprescindível no contexto das bases conceituais, atrelar o artesanato à questão cultural, pois como manifestação da cultura, o artesanato firma sua auto-identidade. Torna-se impossível pensar o desenvolvimento da atividade artesanal dissociada dos aspectos culturais locais, modos de vida, simbolização e tradições.

Para Marinho (2007), para conceituar o artesanato com um mínimo de racionalidade é preciso mergulhar na odisseia humana e fazer uma nova leitura da história, que determinou culturas; dos medos, que impulsionaram mudanças; das estratégias de sobrevivência; dos desafios de aprendizagem; das formas de dominação e divisão do trabalho; e, finalmente, dos artifícios para o desenho e a construção do próprio tempo.

Os elementos elencados são importantes para a compreensão dos conceitos de artesanato, levando em consideração as estratégias de sobrevivência, aprendizagem, formas de dominação, divisão do trabalho, pois percebe-se que muitas famílias estão inseridas na atividade produtiva, e que cada um possui um papel relevante em cada etapa do processo, desde a extração da matéria-prima até a comercialização ao consumidor final.

Servetto (2008, p. 23) enumera alguns aspectos peculiares à atividade artesanal, são eles:

- Trabalho predominantemente manual;
- Utilização de recursos naturais local;
- Conhecimento transmitido pelas gerações passadas;
- Caráter utilitário e decorativo do produto;
- Produção em baixa escala;
- Expressão de uma cultura e fator de identidade;
- Utilização mínima de processos mecanizados (SERVETTO, 2008, p. 23)

O Programa do Artesanato Brasileiro (PAB, 2009, p. 45) incrementa mais algumas características peculiares à atividade do artesanato, tais como:

- É uma atividade, que exige criatividade e habilidade pessoal;
- A matéria prima utilizada na produção pode ser natural, semielaborada ou constituída de produtos e ou sobras industriais;
- No processo de produção, poderão ser utilizadas ferramentas manuais e/ou elétricas (exceto industrial) na execução dos serviços artesanais;
- A atividade artesanal deve ser desenvolvida em ambientes domésticos, pequenas oficinas, grupos de produção e Entidades Associativas (PAB, 2009, p. 45).

Nessa conceituação sobre o artesanato, o Programa Brasileiro de Artesanato caracteriza-o, inserido aspectos dos tipos de matéria-prima (natural, semielaborada ou constituída de produtos e/ ou sobras industriais) e a forma de organização da atividade produtiva, que pode ser individual, associativa, cooperativa e familiar.

Outra conceituação salienta que artesão é considerado como um ser que produz de modo autônomo, ou seja, como não dependente, de maneira direta, para produzir com os meios de produção de terceiros (REIS & MARCO, 2009, p. 89). Ele mesmo procura desenvolver mecanismos para penetrar no mercado de bens e para escoar a produção, aproveitando-se das alternativas existentes.

Partindo dessas concepções, o artesão caracteriza-se como um trabalhador individual ou coletivo, quando estão organizados em associações e cooperativas ou até mesmo em unidade produtiva familiar, exercem trabalhos manuais e podem, ou não, inserir técnicas mecanizadas no processo produtivo do artesanato. Os produtos artesanais devem expressar a identidade cultural local, tornando-os peculiares quanto a outros produtos das demais regiões.

1.4 TIPOLOGIAS ARTESANAIS

Para se diferenciar os diversos tipos de artesanato, são estabelecidos alguns critérios, tais como: origem, natureza de criação e de confecção do artesanato, evidenciando os aspectos peculiares do contexto histórico-espacial-cultural em que o artesanato é produzido. Com isso, Lemos (2011) apresenta cinco tipos de artesanato, descritos no quadro 01:

Quadro 01: Resumo das Características das Tipologias Artesanais

TIPOLOGIAS ARTESANAIS	CARACTERISTICAS
Indígena	Retrata o cotidiano da vida tribal Expressão da cultura indígena
Reciclagem	Racionalização dos recursos naturais Reaproveitamento da Matéria-prima
Tradicional	Expressão da tradição incorporada à vida cotidiana Conhecimento hereditário
Referência Cultural	Resgate dos elementos culturais Agregação de valor aos produtos, preservando os traços culturais representativos
Contemporâneo Conceitual	Busca da inovação Confecção por artesãos com formação na área (artes plásticas, <i>designer</i> etc)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Lemos (2011)

A característica marcante percebida na maioria das tipologias artesanais é a intrínseca relação com a identidade cultural, valorização dos costumes, tradição e memória, com a utilização de técnicas, processos e instrumentos peculiares ao ambiente local, que o diferencia das regiões produtoras de artesanato. De acordo com Sebrae (2004), esta atividade pode trazer muitos benefícios, seja de ordem social, econômica, cultural e ambiental, buscando a realização pessoal, motivação e produção, promove a inserção da mulher e do adolescente em atividades produtivas, desestimula a prática de atividades ilegais e fixa o artesão no seu local de origem.

De acordo com Mouco (2010), o estado do Amazonas possui um grande estoque de matéria-prima para o desenvolvimento da atividade artesanal, geralmente não consegue competir com demais regiões produtoras de artesanato, devido à falta de estrutura física e de

inserção de tecnologias para o beneficiamento e comercialização das peças. Com isso, a qualidade dos produtos é prejudicada pela ausência de incentivos governamentais, perdendo então, competitividade no mercado regional. Fonseca Filho (2010, p. 69) argumenta ainda que:

Uma das problemáticas que afetam o processo de comercialização do produto artesanal é a certificação de procedência da madeira, pois com o artesanato confeccionado a partir de madeira certificada, ocorrerá o processo de manejo e a perpetuação das espécies, enquanto que a cooperativa ou associação torna-se competitiva frente aos demais mercados; o acesso a novos mercados e ao crédito para fomento são facilitados; expansão do *networking* da instituição; fidelização dos clientes por produtos artesanais certificados; e agregação de valor às peças artesanais (FONSECA FILHO, 2010, p. 69)

Ainda sobre os gargalos do processo de comercialização, Vilela (2005, p.98) destaca o problema da logística, devido as dificuldades de acesso às comunidades. Aliado a este contexto, a falta de conhecimento técnico-científico sobre normas e legislações específicas sobre o mercado de determinado artesanato que possua em sua composição, elementos da fauna e/ou da flora; além da falta de informação sobre as barreiras tributárias interestaduais e internacionais, caso os artesãos destinem sua produção aos demais estados brasileiros ou para o exterior.

O artesanato, geralmente, é uma atividade desvalorizada no mercado local, forçando os artesãos a comercializarem suas peças a preços abaixo do custo de produção ou pelo sistema de troca, gerando inúmeras consequências como a baixa autoestima nos artesãos, migração para outras atividades, a perda da identidade cultural e a continuidade da atividade, pois os jovens preferem seguir outra profissão, abandonando a atividade do artesanato, em razão do baixo potencial de geração de renda e perspectivas de expansão do setor.

Callil (2009) destaca que o incentivo à produção artesanal constitui, portanto, uma forma alternativa de incentivo às economias de base local, assegurando a preservação da cultura local, bem como a geração de emprego e renda para inúmeras famílias, considerando que grande parte dessas pessoas encontra no artesanato uma forma de garantir a própria sobrevivência e a manutenção do bem estar de seus familiares.

O artesanato não deve ser somente encarado como alternativa de fonte de renda, mas também como uma atividade que oportuniza o homem a desenvolver a sua criatividade, além de valorizar o seu trabalho (MARINHO, 2007).

Vilela (2005) afirma que a falta de organização do setor muitas vezes é ocasionada pela falta de união dos artesãos e os vários conflitos internos existentes; o que incentiva o individualismo e dificulta o associativismo, mantendo a atividade frágil, sem gerar contribuições para a comunidade em geral e sem poder usufruir dos benefícios da organização em associações ou cooperativas.

Apesar dos problemas que o setor do artesanato enfrenta, esta atividade pode ser capaz de preservar a cultura local, a conservação dos recursos naturais, a geração de emprego e renda para famílias, o bem-estar e melhoria da qualidade de vida dos artesãos e familiares, desde que seja trabalhada de forma organizada, coletiva e com foco no desenvolvimento e fortalecimento do setor, por meio de parcerias estratégicas governamentais e privadas.

1.5 ARTESANATO E DESENVOLVIMENTO LOCAL

O desenvolvimento local tem se mostrado uma tendência mundial e é tema de discussão em diversos países, sobretudo na Índia – descentralização de fomento às políticas tecnológicas -, na China – políticas locais de financiamento -, e na França – fortalecimento do turismo local.

No Brasil, o tema é recente, tendo sido impulsionado a partir de meados da década de 1990, e resulta de mudanças como a proliferação de ONG's, associações e cooperativas com estratégias de atuação local e os processos de descentralização que se iniciaram com a Constituição de 1988, os quais contribuíram para a valorização do local. Este retorno ao local está sendo denominado revolução do local e globalização do local. A globalização permite que cada local mostre sua potencialidade, o seu diferencial de competitividade. Com as crises econômicas mundiais recentes, que alastram a pobreza e a exclusão social, é preciso reforçar ainda mais a identidade local (KRONEMBERGER, 2011).

Ao falar de desenvolvimento local, Bandeira (2009) destaca que o local consiste em um processo em que o caráter social se integra ao econômico. A estratégia de desenvolvimento endógeno ou desenvolvimento local se propõe a, além de desenvolver os aspectos produtivos, potencializar as dimensões sociais, culturais e ambientais que constroem o bem-estar da sociedade. Tenório (2004) defende que a lógica do desenvolvimento local necessita do surgimento e do fortalecimento de atores inscritos em seus territórios e com capacidade de iniciativa e propostas socioeconômicas que capitalizem as potencialidades locais, e que apostem em uma melhoria integral da qualidade de vida da população

O desenvolvimento local é conceituado por Alcoforado (2006, p.15) como

Uma nova estratégia de desenvolvimento, em que a comunidade assume um novo papel: de comunidade demandante, ela emerge como agente, protagonista, empreendedora, com autonomia e independência. Essa estratégia tem como principal objetivo a melhoria da qualidade de vida de associados, familiares e da comunidade em geral, maior participação nas estruturas de poder, ação política com autonomia e independência, contribuindo assim para o real exercício da democracia e para a utilização racional dos recursos naturais, visando o bem-estar da geração presente e futura (ALCOFORADO, 2006, p. 15).

Trata-se, portanto, de uma convergência de fatores econômicos, sociais, políticos, institucionais e ambientais, que se cruzam e se dialogam, sendo que nenhum deles se completa sem o auxílio dos demais, e não se pode proceder à leitura isolada de cada um deles sem considerar as suas inter-relações.

Alcoforado (2006) complementa ainda que consiste em um produto do conhecimento e do aproveitamento das potencialidades, oportunidades e vantagens comparativas da localidade, com características peculiares que a diferencia das demais regiões, que resultam do desenvolvimento sinérgico dos capitais humanos, natural e econômico.

O DL pode assumir diversos recortes territoriais e ser viabilizado em bairros, distritos, comunidades, municípios, microrregiões geográficas, mesorregiões geográficas e estaduais. Ele não resulta apenas de demarcações feitas sobre o mapa, a partir de critérios preestabelecidos, muito embora políticas governamentais possam selecionar áreas prioritárias para implementação de políticas públicas locais. O local é produto do processo de desenvolvimento, da participação social, sendo um espaço que vai sendo construído pela sociedade, que vai originando configurações territoriais diversas.

Sachs (2002) afirma que todo desenvolvimento tem uma base eminentemente local, embora os processos transcendam este nível. O local assume, então, a importância para a construção de solidariedades, da vontade coletiva e de uma gestão flexível e mais realista das políticas públicas.

A partir desse modelo de desenvolvimento, Milani (2005) pressupõe uma transformação consciente da realidade local. Isto implica em uma preocupação não apenas com a geração presente, mas também com as gerações futuras e é neste aspecto que o fator ambiental assume fundamental importância. Sachs (2001) afirma que o desgaste ambiental pode não interferir diretamente a geração atual, mas pode comprometer sobremaneira as próximas gerações.

O desenvolvimento local é um processo endógeno de mudanças, no sentido de que é conduzido pelos atores locais (instâncias de governos, empresas, organizações da sociedade civil, universidades, e outros), aproveitando as potencialidades locais para 'fazer acontecer'. Este modelo está inserido em uma realidade mais ampla e complexa com a qual interage e da qual recebe influências e pressões positivas e negativas.

A política desse modelo de desenvolvimento, segundo Buarque (1999) é um processo que busca articular, coordenar e inserir os empreendimentos cooperativos, associativos, individuais e comunitários a uma nova dinâmica de integração social, ambiental, cultural e econômica. Isto é, caracteriza-se como um processo endógeno de mudança, de envolvimento de todos os atores sociais (governo, clientes ou turistas, artesãos e comunidade local), com o objetivo de proporcionar o dinamismo econômico e a melhoria da qualidade de vida da comunidade local. Implica em articulação entre diversos atores e esferas de poder, seja a sociedade civil, as organizações não governamentais, as instituições privadas e políticas e o próprio governo. Cada um dos atores tem seu papel para contribuir com o desenvolvimento local.

De acordo com Kronemberger (2011, p.35), o desenvolvimento local contempla as seguintes ações convergentes e complementares, tais como:

- Descobrir e despertar as vocações locais;
- Mobilizar e explorar as potencialidades locais;
- Utilizar os recursos naturais locais de forma racional;
- Sensibilizar e mobilizar a comunidade local para sua participação nas decisões;
- Buscar parcerias para realização de projetos;
- Fazer crescer os níveis de confiança, cooperação, ajuda mútua e organização social em torno de interesses comuns;
- Desenvolver a cooperação e a integração das cadeias produtivas e associações, gerando emprego e renda e estreitando o elo institucional;
- Fomentar a cultura empreendedora local;
- Elevar a competitividade da economia local, através de atividades produtivas viáveis, com capacidade de concorrer em outros mercados (KRONEMBERGER, 2011, p.35).

O desenvolvimento local a partir da atividade do artesanato, resulta dessa interação e sinergia entre qualidade de vida de população local (melhores condições de moradia, alimentação, aquisição de bens e serviços, lazer, aumento na renda mensal familiar para os associados); a eficiência econômica e competitividade (agregação de valor na cadeia produtiva e diferencial competitivo frente às demais regiões que atuam no mesmo mercado); a valorização da identidade cultural (atividades produtivas ligadas à cultura, costumes, tradições e modos de vidas locais); e conservação dos recursos naturais (extração das matérias-primas em áreas de manejo, atividades que não poluem o ar, rios, igarapés, lagos).

A interação entre esses quatro pilares são influenciadas por cinco forças entrantes, são elas: geração de emprego e renda, elevando o poder aquisitivo dos membros da atividade; organização da atividade produtiva, através de uma sistematização das etapas do processo produtivo, focando na qualidade do bem ou serviço prestado, para que assim, possa gerar

diferencial competitivo; associativismo/ cooperativismo, que se constitui em uma alternativa necessária de viabilização da atividade econômica, possibilitando aos membros da atividade, um caminho efetivo para participar do mercado em melhores condições de concorrência, mas para isso, é necessária a prática de fortes estratégias mercadológicas aliada à cooperação; sensibilização ambiental, com a criação de uma imagem “verde”, redução e/ou eliminação de desastres ambientais com a extração da matéria-prima, evitando, com isso, custos de remediação; incentivo ao uso racional de energia e dos recursos naturais; redução do risco de sanções do Poder Público (multas).

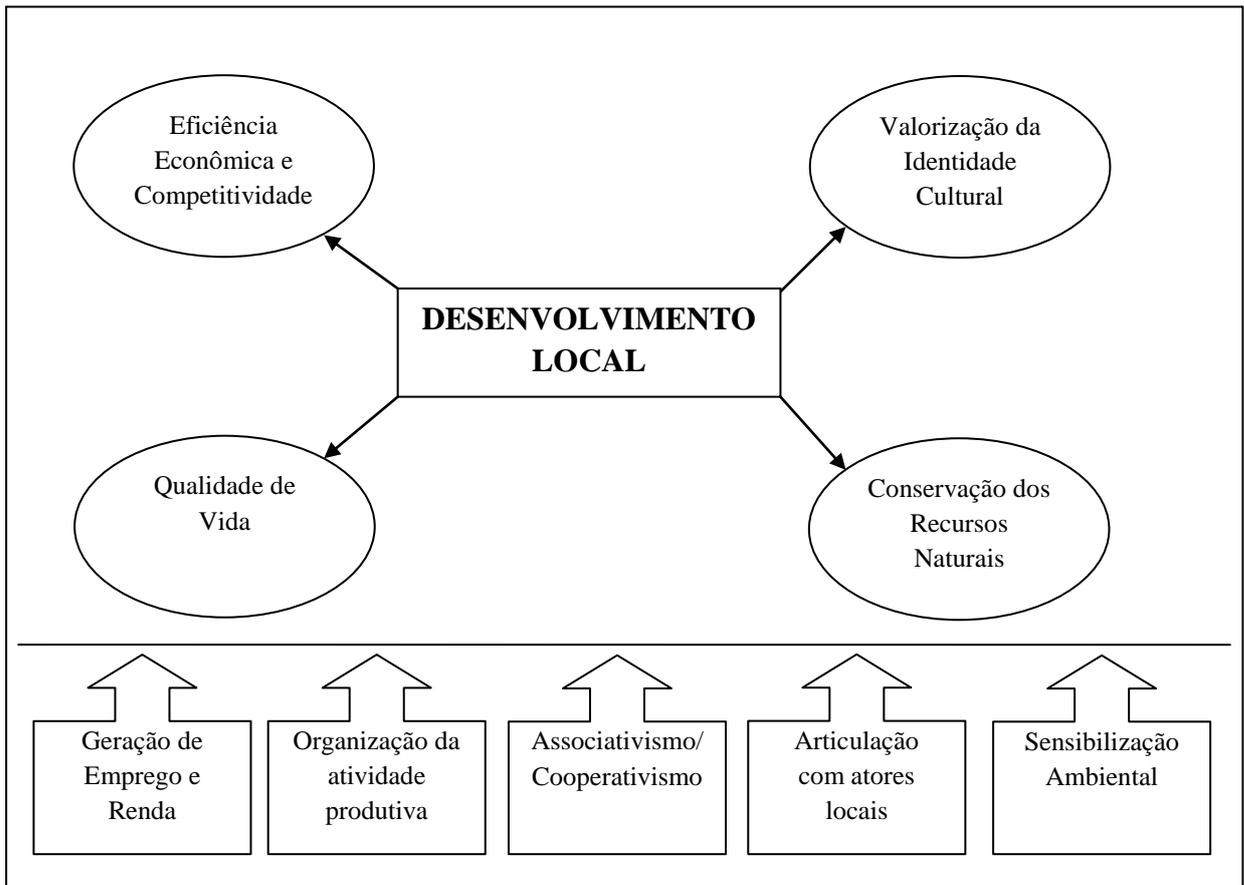
Referente aos consumidores, estes possuirão maiores informações sobre a origem da matéria-prima e composição dos produtos, podendo optar, no momento da compra, por bens e serviços menos agressivos ao meio ambiente; e articulação com todos os atores locais, com o apoio, incentivo e cooperação interna entre os membros da atividade produtiva, e articulação externa com os *stakeholders*⁴, com instituições como a AFEAM, entidades do “Sistema S”, governos federal, estadual e municipal, agências bancárias, instituições de ensinos superiores e técnicos e demais associações, objetivando melhorias das técnicas produtivas, formalização, promoção, financiamentos, capacitação da mão-de-obra local, consultoria financeira e administrativa.

Quanto à articulação dos atores locais, Pinheiro (2012) complementa que as estratégias de desenvolvimento local deverão basear-se no modelo que busca a articulação regional, nacional e internacional, daí a sua interação hoje com o processo de globalização.

A Figura 01 apresenta resumidamente as forças entrantes e os pilares do desenvolvimento local.

⁴ Conjunto de agentes públicos e privados que impactam direta e/ ou indiretamente na atividade do artesanato.

Figura 01: As forças entrantes e os pilares do Desenvolvimento Local.



Fonte: Elaborado pelo autor com base em Buarque (1999)

Assim, pensar o desenvolvimento local, é compreender a existência de uma sinergia entre eficiência econômica, melhoria da qualidade de vida da população local, valorização da identidade cultural e conservação dos recursos naturais, objetivando alavancar as potencialidades locais, perpetuando-as para as futuras gerações.

CAPÍTULO II: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os procedimentos metodológicos referem-se à organização do estudo, dos caminhos a serem percorridos no desenvolvimento de uma pesquisa. Referem-se também, ao conjunto de métodos e técnicas empregados para o alcance dos objetivos propostos (GERHARDT; SILVEIRA, 2009).

2.1 LOCALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

2.1.1 Município de Parintins

O município de Parintins possui uma população de aproximadamente 68.033 habitantes na área urbana e 38.000 na área rural, totalizando 106.033 habitantes (IBGE, 2010). Parintins está situada à margem direita do Rio Amazonas, na 9ª sub-região do Baixo Amazonas, distante 390 km em linha reta e 420 km por via fluvial da cidade de Manaus, latitude sul 2°39'10" e longitude oeste de 56°45'25", com uma altitude de 50 metros em relação ao nível do mar, cortada pelos Lagos da Francesa e Macurany, e possui uma área municipal de 10.084 km², conforme resolução nº 05 de 10 de outubro de 2002 – IBGE (MACHADO *et al*, 2005). Tem como limites: A Norte: município de Nhamundá; ao Sul: município de Barreirinha; a Leste: municípios de Terra Santa e Juruti – PA; e a Oeste: município de Urucurituba – AM.

2.1.2 Vila Amazônia

A Gleba de Vila Amazônia localiza-se na margem direita do rio Amazonas e tem como limites: ao norte com Rio Amazonas, ao sul com a Comunidade da Sabina (Rio Mamurú), a leste com o Estado do Pará e a oeste com o Paraná do Ramos. (SAUNIER, 2008).

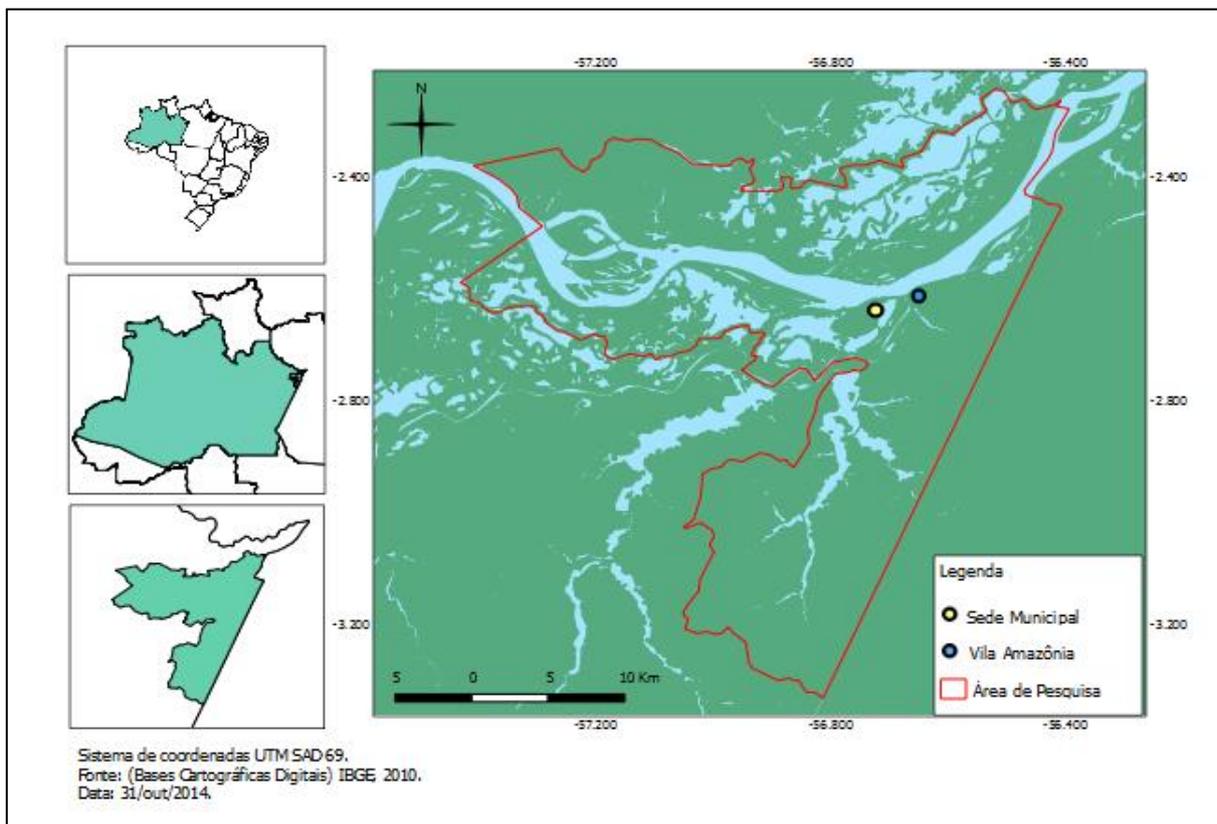
Dentro da Gleba da Vila Amazônia, que consiste em um Projeto de Assentamento do INCRA, que possui em média 200 famílias, há a comunidade Santa Maria, que constituiu-se como local de pesquisa, e é o primeiro destino ao sair do Posto Caçapava (local de embarque e desembarque de lanchas, balsa e barcos regionais no período da vazante) ou da Lagoa da Francesa (local de embarque e desembarque de lanchas e barcos regionais no período da enchente). A viagem dura em média 12 minutos de lancha e 30 minutos de barco ou balsa). O

valor da passagem da cidade de Parintins à comunidade Santa Maria (Gleba) na lancha e barcos custa R\$3,00; e na balsa custa R\$1,50.

A Vila Amazônia viveu um grande apogeu da juta com os japoneses na década de 1930 e ao final de 1945, a decadência veio em razão da inserção da juta sintética no mercado. Segundo Benchimol (1999), em meados da década de 1940, foram desenvolvidas outras atividades para a geração de renda familiar, tais como: agricultura, pesca, comércio de produtos industrializados, e o artesanato, que constitui-se como objeto da pesquisa.

A Figura 02 demonstra a localização do município de Parintins, a sede municipal e a comunidade Santa Maria - Vila Amazônia.

Figura 02: Mapa de Localização do município de Parintins, a sede municipal e a Vila Amazônia.



Organizado por Rildo Oliveira – outubro/ 2014

2.2 ABORDAGEM DA PESQUISA

A pesquisa teve abordagem qualitativa, e foram analisadas questões particulares à subjetividade, sustentabilidade social, ambiental, econômica e cultural da atividade do artesanato, caracterização socioeconômica dos artesãos, processo de comercialização do artesanato em madeira, os atores envolvidos e os projetos e programas voltados para a organização e fortalecimento do setor.

Caracterizou-se como uma pesquisa exploratória, pois proporcionou maior familiaridade com o problema, objetivando torná-lo mais explícito; e que o processo de planejamento tende a ser dinâmico, considerando os diversos aspectos relativos ao fenômeno estudado (GIL, 2009). A pesquisa também é descritiva, uma vez que tem como objetivo a descrição das características de determinada população, isto é, os artesãos locais.

2.3 TÉCNICAS DE PESQUISA

2.3.1 Coleta de Dados

Utilizou-se das seguintes técnicas para a obtenção dos dados que buscam responder aos propósitos deste estudo:

A revisão bibliográfica objetivou a fundamentação teórico-metodológica em livros, artigos, teses e dissertações que tratam da temática, envolvendo o artesanato, sustentabilidade, desenvolvimento local, turismo e políticas públicas.

Pesquisa de campo, por se tratar de um trabalho construído com base em observações diretamente no local de sua ocorrência. Nesse tipo de pesquisa, optou-se pelos seguintes instrumentos de pesquisa:

Entrevistas não-estruturadas: nesta modalidade de entrevista, apropriou-se de um roteiro de tópicos aleatórios a serem questionados aos artesãos, com a finalidade de obter resposta para cada objetivo específico do projeto, com o auxílio de um gravador portátil. Posteriormente, adotou-se o processo de degravação, evidenciando os relatos principais dos entrevistados.

Formulários: foi o instrumento utilizado como marco de referência que caracteriza a cadeia produtiva do artesanato em madeira no município de Parintins – AM sob a ótica da

sustentabilidade. É necessário entender como cada um dos entrevistados pensa a sustentabilidade da atividade do artesanato em madeira no contexto das políticas públicas e sua inserção do turismo local.

Registro fotográfico: possibilitou a compreensão do processo de confecção das peças artesanais, visualização das espécies de madeira (matéria-prima), e as diferentes peças de artesanato propriamente ditas.

2.4 ANÁLISE DOS DADOS

Como método de pesquisa para análise de dados, adotou-se a análise de conteúdo, pois segundo Vergara (2008) consiste numa técnica para o tratamento de dados que objetiva identificar tudo o que está sendo investigado e discutido a respeito da temática de pesquisa.

Os dados obtidos pelas entrevistas não-estruturadas e aplicação de formulários aos artesãos da ASFAPIN e informações obtidas na Secretaria Municipal de Cultura e Turismo foram imprescindíveis para a discussão sobre o artesão e o artesanato em madeira no município de Parintins – AM sob a ótica da sustentabilidade.

A partir desta análise, identificou-se, dentre outras coisas, a inserção do artesanato no turismo local, evidenciando as oportunidades e fragilidades desta relação e as políticas públicas e os programas destinados ao fortalecimento do setor artesanal.

Após a caracterização da cadeia produtiva do artesanato em madeira no município de Parintins – AM sob a ótica da sustentabilidade foram identificados os desafios a serem superados, bem como identificadas as oportunidades para o desenvolvimento do setor artesanal em madeira no município de Parintins.

2.5 UNIVERSO DA PESQUISA E AMOSTRAGEM

Foram pesquisados 15 (quinze) artesãos da Associação de Figurinistas e Artesãos de Parintins - ASFAPIN, sendo que 10 (dez) são da sede municipal, e 05 (cinco) da comunidade Santa Maria, na Vila Amazônia do município de Parintins, no período de junho a dezembro de 2014. Informações adicionais foram coletadas na Secretaria Municipal de Turismo e Cultura. Foram realizadas 04 (quatro) visitas no campo de pesquisa, mesmo porque alguns registros fotográficos somente foram possíveis em determinadas datas específicas, tais como a temporada dos transatlânticos e o Festival Folclórico.

CAPÍTULO III: ARTESANATO, TURISMO E POLÍTICAS PÚBLICAS

A relevância deste capítulo consiste na abordagem entre artesanato, turismo e políticas públicas. Na primeira parte, discutiremos as políticas públicas voltadas para a organização e fortalecimento do setor artesanal, com ações nas esferas federal como o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato, Programa do Artesanato Brasileiro, o Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural e atividades do Sebrae; e na esfera estadual, como o Programa do Artesanato Amazonense, evidenciando suas áreas de abrangências, os objetivos, os cenários e os atores parceiros. Na segunda parte, discutiremos as bases estruturais necessárias para o pleno desenvolvimento do turismo em Parintins, evidenciando o artesanato em madeira como importante elemento do produto turístico que gera emprego e renda aos artesãos locais; apresentaremos os dois eventos que mais contribuem para o aumento da renda dos artesãos: o Festival Folclórico e a temporada dos cruzeiros internacionais.

3.1 POLÍTICAS PÚBLICAS VOLTADAS PARA O SETOR DO ARTESANATO

Para compreendermos o papel das políticas públicas no setor do artesanato, é importante compreender, inicialmente, o conceito de políticas públicas. Lopes e Amaral (2008, p. 21) conceitua que:

São diretrizes, princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado. São, nesse caso, políticas explicitadas, sistematizadas ou formuladas em documentos (leis, programas, linhas de financiamentos) que orientam ações que normalmente envolvem aplicações de recursos públicos (LOPES E AMARAL, 2008, p. 21)

Alguns estudiosos do tema avaliam que, na prática, uma política pública pode ser considerada como um grupo de ações ou “não ações” em contraposição ou continuidade a decisões ou ações específicas deflagradas por governos antecessores (SILVA, 2006). Apesar de não se concordar com esse ponto de vista, é importante fazer a distinção entre política pública e política de governo. Esta se vincula ao cumprimento de um mandato eletivo, enquanto que aquela deve atravessar diversas gestões sem interrupções, até porque esta deve estar baseada em preceitos constitucionais.

Torquato (2002) discute que a falta de continuidade na administração pública também proporciona desconforto e descrença. O povo tem sempre a sensação de que estamos sempre recomeçando. O novo governante apaga tudo que o antecessor construiu, inclusive os projetos e programas bons. O fato desmotiva, gera desesperança e insatisfação.

A cada pleito, principalmente, quando ocorre alternância de governos e alguma radical mudança ideológica dos novos detentores do poder, grande parte das políticas públicas fomentadas pela gestão anterior é abandonada pelo grupo que assume.

Diante desse contexto, a partir da demanda ou interesse de determinado grupo social, as políticas públicas podem apresentar-se como prioritárias, mas que é importante a participação efetiva desses grupos e/ ou da sociedade civil como um todo, desde reivindicações específicas, como é o caso do Programa do Artesanato Brasileiro, voltado para um determinado grupo social que são os artesãos, até reivindicações comuns, como a segurança pública, saúde, educação, habitação, saneamento básico entre outros.

As políticas públicas voltadas para a organização e fortalecimento da atividade artesanal constituem-se como instrumentos de desenvolvimento do setor na Amazônia. Sendo assim, destaca-se a importância da necessidade de buscar informações atualizadas e relevantes para direcionar os artesãos da cidade de Parintins e da comunidade Santa Maria - Vila Amazônia a projetos, programas, linhas de fomento e iniciativas de qualificação profissional que atendam suas necessidades. Lemos (2011, p. 52) analisa que:

A rapidez das mudanças sociais, econômicas e políticas dos últimos anos tem alterado radicalmente também o mercado de trabalho, com redução drástica de postos de trabalho nos diversos ramos da economia. Assim, o mercado de trabalho apresenta nova dinâmica, caracterizada por declínio e precarização do emprego formal assalariado, expansão de emprego assalariado sem carteira assinada e dos empregos por “conta-própria”, além da introdução de novas formas e oportunidades de trabalho, no chamado setor informal da economia. Nesse momento o artesanato é considerado como uma dessas atividades alternativas de geração de trabalho e renda para aqueles que não conseguem se inserir no mercado formal de trabalho (LEMOS, 2011, p. 52).

No Brasil, de acordo com o Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, o artesanato envolve 8,5 milhões de trabalhadores, movimenta cerca de R\$ 28,5 bilhões por ano e exporta US\$ 1,9 bilhão para todo o mundo (SEBRAE, 2012). A significância destes dados estende-se também às unidades da federação, apesar de sua relação com a informalidade do trabalho realizado e seu caráter artístico.

Apresentadas essas informações, Mouco (2010, p. 78) argumenta que:

o artesanato brasileiro é um setor da economia cujo crescimento possui alto potencial de geração de emprego e renda, considerando as particularidades dos processos da cadeia produtiva, que são: a extração da matéria-prima, a produção, a divulgação e a comercialização do produto artesanal tanto no mercado interno quanto no internacional (MOUCO, 2010, p. 78).

Contudo, sua inclusão no ramo de atividades econômicas levou, em alguns casos, a um processo de industrialização do produto artesanal, voltado para consumo turístico também de massa. Isto é, o artesanato perde suas características inerentes à baixa escala e trabalho eminentemente manual, caracterizando o fenômeno denominado “industrialato” (COSTA, 2007).

O Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio-MDIC (2012) também fornece informações completas e atualizadas sobre a caracterização do artesanato, como o processo de comercialização, volume de vendas, quantidade de artesãos cadastrados acumulação financeira em níveis nacional e regionais, assegurando que o setor é promissor e é um dos segmentos com maior potencialidade de geração de emprego e renda, com o incentivo através das políticas públicas e articulação com demais instituições interessadas em apoiar e desenvolver conjuntamente a atividade artesanal. Trata-se de um setor com características peculiares e com potencialidade de agregação de valor ao produto, aliado à cultura local (bois-bumbás Garantido e Caprichoso) e cenário amazônico (reprodução da fauna e flora da região amazônica nas peças artesanais), com tendência de inserção nos mercados internos e estrangeiros.

A partir das oportunidades proporcionadas pelo artesanato e os problemas vivenciados nesta área, as políticas públicas adentram neste cenário com o intuito de organizar e fortalecer a competitividade do setor do artesanato, de forma contínua e descentralizada.

As políticas públicas voltadas ao setor do artesanato brasileiro iniciaram-se em meados da década de 1970, e intensificaram-se nos megaeventos como a Copa do Mundo, em 2014, e posteriormente, nas Olimpíadas em 2016. De acordo com Sampaio (2005), o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato foi instituído por meio do Decreto nº 80.098, de 8 de agosto de 1977, sob a supervisão do Ministério do Trabalho, com a finalidade de coordenar a produção e comercialização do artesanato brasileiro, promover o trabalho do

artesão, estabelecer critérios para conceituar adequadamente o artesanato, de modo a preservar a sua identidade como atividade econômica peculiar, além de caracterizar profissionalmente o artesão. Ramos (2013, p. 102) elenca os seguintes princípios do Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato normatizados em seu decreto:

- Promover, estimular, desenvolver, orientar e coordenar a atividade artesanal a nível nacional;
- Propiciar ao artesão condições de desenvolvimento e auto-sustentação através da atividade artesanal;
- Orientar a formação de mão-de-obra artesanal;
- Estimular e/ou promover a criação e organização de sistemas de produção e comercialização do artesanato;
- Incentivar a preservação do artesanato em suas formas da expressão da cultura popular;
- Estudar e propor formas que definam a situação jurídica do artesão;
- Propor a criação de mecanismos fiscais e financeiros de incentivo à produção artesanal;
- Promover estudos e pesquisas visando à manutenção de informações atualizadas para o setor (RAMOS, 2013, p. 102).

Dessa forma, foi instituído no dia 22 de março de 1991, o Programa do Artesanato Brasileiro, ligada ao extinto Ministério da Ação Social. Posteriormente revogado pelo Decreto nº 1.508, de 31 de maio de 1995, passando a ser vinculado ao Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC (FREEMAN, 2010).

De acordo com Lemos (2011), este Programa tem por objetivo coordenar e desenvolver ações em nível estadual que visam a valorização do artesão, elevando seu nível cultural, profissional e socioeconômico e, promover e divulgar o artesanato brasileiro, fortalecendo a competitividade da atividade artesanal para a geração de emprego e renda. Dentre as linhas de ação, destacam-se a geração de oportunidades de trabalho e renda, a valorização das diversidades regionais, o incentivo à preservação das culturas locais e a construção de um espírito empreendedor nas organizações.

O Programa vem desenvolvendo ações em parceria com as Coordenações Estaduais de Artesanato de 26 Estados da Federação e Distrito Federal, onde a representação no Estado do Amazonas encontra-se no prédio da SETRAB – Central de Artesanato Branco e Silva, na cidade de Manaus. Segundo Freeman (2010), o Programa possui um Plano Plurianual – PPA 2012-2015 e está estruturado sob três ações, a saber:

1) **Capacitação de Artesãos e Multiplicadores:** é desenvolvida através de realização de oficinas de trabalho, palestras, seminários, cursos, elaboração de cartilhas e

manuais de capacitação para artesãos, com o objetivo de proporcionar a qualificação dos artesãos, desde o manejo da matéria-prima, produção, divulgação e comercialização do artesanato.

2) Estruturação Produtiva do Artesanato Brasileiro: consiste na Estruturação Produtiva do Artesanato Brasileiro, objetivando fortalecer as potencialidades artesanais de cada região, por meio da organização dos artesãos em associação ou cooperativa, apoio de projetos de instalação física (construção, reforma, ampliação de centros de produção artesanal) e identificação de espaços físicos permanentes ou temporários para a comercialização do artesanato.

3) Feiras e Eventos para a Comercialização de Produtos Artesanais: objetiva a realização de feiras e eventos para a comercialização de produtos artesanais, identificando novos mercados consumidores em potencial. É notável destacar que a participação nesses eventos é organizada pelas Coordenações Estaduais do Artesanato em parceria com cooperativas, núcleos familiares e associações do setor artesanal, desde que os artesãos estejam devidamente cadastrados no Cadastro Nacional do Artesão, junto ao Sistema de Informações Cadastrais do Artesanato Brasileiro - SICAB⁵.

Segundo o MDIC (2012), o PAB atua em todo o território nacional e faz parte do seu escopo a elaboração de Políticas Públicas envolvendo órgãos das esferas federal, estadual e municipal, além de entidades privadas, priorizando a geração de trabalho e renda; desenvolvimento de ações que valorizem o artesão brasileiro, destacando seu nível cultural, profissional, social e econômico; estímulo ao aproveitamento das vocações regionais, levando à preservação das culturas locais e a formação de uma mentalidade empreendedora, por meio da preparação das organizações e de seus artesãos para o mercado. PAB (2012, p. 39) complementa ainda os cinco eixos de atuação:

- Gestão: intuito de estabelecer alianças referentes à estratégia de comercialização e a troca de experiências na gestão da cadeia produtiva do artesanato.
- Desenvolvimento do Artesanato: promover medidas para a melhoria da competitividade do produto artesanal e da capacidade empreendedora.

⁵ Sistema de coleta de dados sobre o setor artesanal, cadastrando artesãos brasileiros, unificando as informações em âmbito nacional. Os dados são coletados pelas Coordenações Estaduais do Artesanato e permite a emissão da Carteira Nacional do Artesão Carteira Nacional do Trabalhador Manual, com a finalidade de ser uma ferramenta facilitadora do acesso dos artesãos a cursos de capacitação, feiras e eventos de comercialização do PAB. (FREEMAN, 2010)

- Promoção Comercial: o foco é a identificação de espaços mercadológicos adequados à divulgação e comercialização dos produtos artesanais, a participação em feiras, mostras e eventos nacionais e internacionais.
- Sistema de Informação Cadastrais do Artesanato Brasileiro – SICAB: visa conhecer e mapear o setor por meio de estudos técnicos e do cadastro do artesão no Sistema com vistas à elaboração de políticas públicas para o segmento.
- Estruturação de núcleos para o artesanato: busca apoiar o artesão formalizado em associações, cooperativas ou microempreendedor individual envolvidos em projetos ou esforços para a melhoria de gestão do processo da cadeia produtiva do artesanato. por meio da construção ou reforma de espaços físicos gerenciados pelos estados e municípios (PAB, 2012, p. 39)

Ainda na esfera federal, há o Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural - PROMOART, vinculado ao Programa Mais Cultura, do Ministério da Cultura – MinC. O objetivo deste programa é apoiar os artesãos que confeccionam peças de tradição cultural, valorizando as peculiaridades da cultura local e a identidade que assume para diferentes grupos sociais (MINC, 2012).

De acordo com Mouco (2010), o programa desenvolve ações de valorização e preservação das técnicas conservadoras e manuais da confecção do artesanato, com estratégias de distribuição e vantagem competitiva no mercado, com a criação de um selo que apresenta a procedência do produto artesanal, com a finalidade de agregação de valor e valorização do artesanato tradicional local.

Na fase inicial, o programa foi administrado a partir da regionalização de 65 pólos distribuídos em todo o Brasil. Os critérios que orientaram a seleção foram: relação do artesanato com a cultura local; organização da produção; qualidade do artesanato; técnicas manuais para a confecção das peças; diversidade de tipologias desenvolvidas; grau de interação com parceiros locais e externos. O MinC(2012, p. 67) esclarece que

Em diferentes estágios de organização, os pólos abrangidos nesta etapa serão estratégicos para o estabelecimento das bases de uma política nacional para o artesanato, a partir da qual esse universo poderá ser progressivamente ampliado. Respeitando-se suas singularidades, em cada pólo será desenvolvido um projeto específico, um plano de trabalho formulado com a participação de técnicos e artesãos, a partir de diagnósticos detalhados de suas potencialidades e necessidades e da proposição conjunta de ações em busca da valorização cultural e da sustentabilidade econômica e social do artesanato (MINC, 2012, p. 67).

O programa já beneficiou grupos de artesãos com investimentos diretos nas esferas da produção, comercialização e divulgação de produtos do artesanato brasileiro de tradição

cultural. São iniciativas que visam à ampliação de sua presença em mercados competitivos e qualificados, promovendo a dinamização cultural e econômica desse segmento.

Além do Promoart, o Sebrae (2014) realiza ações mais específicas, voltadas para a elevação da competitividade do mercado do artesanato; adoção de estratégias diferenciadas que possibilitam o desenvolvimento de cada tipologia de artesanato, atendendo às necessidades de cada região; preservação dos traços culturais e capacitação de artesãos empreendedores presentes em todos os Estados brasileiros.

Mouco (2010) argumenta que objetivo do Sebrae é fomentar o artesanato de forma sistêmica, enquanto segmento econômico sustentável que preserva as características culturais das regiões e promove a melhoria da qualidade de vida dos familiares e dos artesãos, ampliando a geração de renda e postos de trabalho no setor do artesanato. Assim, o atingimento de todas essas ações integradas do Sebrae proporcionará maior organização e fortalecimento do setor do artesanato, elevando os níveis de qualidade de vida dos artesãos e tornando a atividade mais competitiva nos mercados regionais e nacional.

No Estado do Amazonas, há o Programa do Artesanato Amazonense – PAM (Figura 05), instituído pelo Decreto 4.692, de 23 de outubro de 1979, desenvolvido conjuntamente com a Secretaria de Estado do Trabalho – SETRAB, com a finalidade de coordenar as iniciativas que visassem o apoio gerencial ao artesão e a produção e comercialização do artesanato estadual; promover ações educativas para o segmento do artesanato indígena e regional, como forma concreta de geração de renda, melhoria da qualidade de vida, preservando a identidade cultural de seus executantes, bem como a valorização do setor; e prover cadeias produtivas de informações básicas para melhor organização e aquisição de instrumental necessário para otimização da produção, alinhadas à sustentabilidade ambiental.

Setrab (2012) apresenta no Quadro 02 os municípios contemplados pelo programa e as tipologias de artesanato que são desenvolvidos nos mesmos:

Quadro 02: Municípios atendidos pelo PAM e as tipologias artesanais desenvolvidas.

MUNICÍPIOS	TIPOLOGIAS ARTESANAIS
Boa Vista do Ramos	Marchetaria
Borba	Sementes
Carauari	Sementes e Madeira
Irlanduba	Sementes
Itacoatiara	Sementes e Madeira
Manacapuru	Madeira
Manaus	Diversos
Maués	Guaraná e Pequenos Objetos de Madeira
Novo Airão	Cestaria / Fibras Vegetais
Parintins	Cerâmica, Sementes e Madeira
Rio Preto da Eva	Sementes
Tabatinga	Madeira

Fonte: Setrab (2012)

Vislumbrado essa diversidade de tipologias de artesanatos confeccionados nesses 12 municípios contemplados pelo programa, a atuação da Setrab gerou grandes avanços como a exposição dos produtos em feiras, capacitação dos artesãos e promoção do artesanato local. Porém torna-se necessário algumas conquistas, tais como:

- Nota Fiscal Eletrônica Avulsa;
- Cadastro Eletrônico do PAB;
- Preocupações com a sustentabilidade;
- Reformas das Centrais de Artesanato Locais;
- Central de Comercialização;
- Iniciativas de fomento ao setor.

O programa está subdividido em quatro fases estratégicas de ações, contemplando o mapeamento, capacitação e organização da cadeia produtiva, especificando os agentes parceiros em cada fase, como demonstra o quadro a seguir:

Quadro 03: Ações, Parcerias e Resultados Esperados na implantação do PAM.

FASES	AÇÕES	PARCERIAS	RESULTADOS ESPERADOS
Fase 1	Cadastramento de Artesãos/ãs em cada Município.	SETRAB e Prefeituras Municipais.	Inserir no Cadastro do PAM e no PAB; e a Emissão de Carteira do Artesão.
Fase 2	Execução das ações de qualificação social e profissional	Instituições de Educação Profissional.	Promoção da qualificação e competitividade das cadeias produtivas, com vistas à organização da produção, melhoria da qualidade dos produtos e inserção em novos mercados.
Fase 3	Mapeamento definitivo das cadeias produtivas, com foco nas necessidades de equipamentos e de formação de Agentes Multiplicadores em cada localidade.	SETRAB e parceiros.	Além do mapeamento do mercado, legitimação das potencialidades, torna-se necessário a formação de Arranjos Produtivos Locais – APL's.
Fase 4	Viabilização das ações de crédito.	SETRAB, AFEAM, BASA, Bradesco, Banco do Brasil.	Integração de políticas públicas locais, bem como o provimento de créditos financeiros como fortalecimento dos empreendimentos e futuras APL's.

Fonte: Setrab (2012)

A implantação do Arranjo Produtivo Local do Artesanato, por meio da criação do Núcleo Estadual de Arranjos Produtivos Locais elencou os municípios-pólos com expressão comercial no setor, tais como: Manaus, Tabatinga, Parintins, Presidente Figueiredo, Maués e Manacapuru (SEPLAN, 2012).

Para a implantação deste plano nos municípios-pólos, o modelo inclui a participação de outros municípios no fornecimento de matérias-primas e que, posteriormente, poderão se juntar a este primeiro grupo alvo das ações de qualificação e profissionalização de seus artesãos no beneficiamento e confecção do artesanato.

Percebe-se, que há esforços significativos quanto ao desenvolvimento de projetos e programas e formalização dos artesãos por organizações governamentais ou não, das esferas estadual ou nacional, que tem como objetivo capacitar os artesãos para melhor qualidade das peças artesanais, apoiar no processo de comercialização, com a introdução de inovações que

facilitam o processo de confecção do artesanato e elaborar políticas públicas voltadas para a organização e fortalecimento do setor.

A partir da discussão de todas as categorias envolvidas neste trabalho, o capítulo seguinte descreve a pesquisa propriamente dita, e analisa através de gráficos, tabelas e registro fotográfico, todas as informações coletadas *in loco*, junto aos artesãos de Parintins e Vila Amazônia. Os artesãos possuem larga experiência na confecção de artesanato em madeira, envolvendo inclusive mulheres e adolescentes na atividade, fornecendo informações sobre o perfil socioeconômico, trajetória de vida, organização da produção, extração da matéria-prima e a relação existente entre as sustentabilidades ambiental, social, econômica e cultural.

3.2 DIÁLOGOS ENTRE O TURISMO EM PARINTINS E O ARTESANATO EM MADEIRA

O Ministério do Turismo (2009, p.3) fundamenta-se na definição de turismo estabelecida pela Organização Mundial de Turismo, adotada oficialmente pelo Brasil:

O turismo é uma atividade econômica representada pelo conjunto de transações – compra e venda de serviços turísticos – efetuados entre os agentes econômicos do turismo, gerado pelo deslocamento voluntário e temporário de pessoas para fora dos limites da área ou região em que têm residência fixa, por quaisquer motivos, excetuando-se o de exercer alguma atividade remunerada no local que visita (MINISTÉRIO DO TURISMO, 2009, p.3)

Neste conceito, Oliveira (2005b) vai além, e concebe o turismo como uma atividade humana capaz de produzir resultados de caráter econômico-financeiro e sócio-político-cultural realizados numa localidade, decorrentes do relacionamento entre os visitantes com os lugares visitados durante a presença temporária de pessoas que se deslocam de seu local habitual de residência para outros, de forma espontânea, sem fins lucrativos (OLIVEIRA, 2005b).

Neste sentido, o turismo consiste em uma atividade gerada por diversas motivações – negócios, estudos, lazer etc. -, caracterizada por deslocamento temporário e espontâneo, objetivando o conhecimento do patrimônio natural e/ou cultural, em que este último insere-se o artesanato. Podemos perceber a forte vinculação entre turismo e artesanato, onde os dois setores são, ao mesmo tempo, autônomos e interdependentes.

A atividade artesanal não consegue se desenvolver de maneira isolada, é necessária a existência de uma infraestrutura turística adequada. Faria (2007) enumera quatro eixos de melhorias da infraestrutura turística que poderão, direta ou indiretamente, impactar no desenvolvimento da atividade do artesanato:

- **Infraestrutura de acesso** - pavimentação e recuperação de pontes, reforma dos portos hidroviários, políticas de barateamento dos transportes, principalmente o aéreo e melhoria do transporte fluvial;

- **Infraestrutura básica urbana** - ampliação do potencial de geração de energia elétrica, políticas públicas para o saneamento, aterro sanitário e compostagem de lixo, construção de sarjetas, embelezamento e ajardinamento das vias públicas com espécies locais, sinalização turística e iluminação pública.

- **Equipamentos turísticos** – melhoria na infraestrutura hoteleira (construção, ampliação e reforma dos hotéis com aumento do número de leitos, adequação da arquitetura à região) e de serviços gastronômicos (restaurantes com comidas típicas regionais, lanchonetes com café regional, cujas instalações deverão ser adequadas às normas da vigilância sanitária), construção de Centros de Atendimento ao Turista e roteiros turísticos, qualificação dos recursos humanos da área do turismo;

- **Equipamentos de apoio** - aumento e melhoria no sistema de saúde (aumentar o número de postos de saúde e dos equipamentos hospitalares), criação da rede de entretenimento que atenda à população local e também aos turistas, com referência na cultura local (atividades desportivas, espetáculos com danças e músicas, exposição do artesanato local).

Assim, um expressivo potencial turístico aliado à melhoria da infraestrutura turística da localidade, proporciona um fluxo positivo no desenvolvimento da atividade, atraindo maior número de turistas e, conseqüentemente, gerando aumento na comercialização das peças artesanais, contribuindo para a geração de emprego e renda para os artesãos. Pinheiro (2012) afirma que é preciso desenvolver sua mão-de-obra e capital intelectual, sua infraestrutura urbana, criar um cronograma de eventos anual, diversificar as atividades turísticas e de serviços aos visitantes e melhorar a logística de acesso à cidade, assim como dentro do município.

O artesanato deve ser concebido como um importante elemento do produto turístico local, pois além de contribuir para a racionalização dos recursos naturais e a preservação da cultura local, possui um grande potencial para o desenvolvimento turístico em uma determinada localidade. Através das parcerias, o artesanato brasileiro está cada vez mais valorizado, pois, nas diferentes regiões são encontrados produtos artesanais típicos, confeccionados a partir da disponibilidade e o tipo de matéria-prima encontrado na região, tornando-o rico, diversificado e competitivo em diferentes mercados.

O turismo tem sido uma das principais opções para o aproveitamento dos ecossistemas em atividades sócio-econômico-culturais. O investimento em infraestrutura urbana para possibilitar o desenvolvimento de produtos turísticos pode trazer benefícios à conservação ambiental e melhoria das condições de vida da população local (SANCHO, 2002).

O turismo, em uma nova concepção estratégica, objetiva contemplar um conjunto de bens e serviços que promovam o desenvolvimento socioeconômico em nível local, protegendo as paisagens e sua diversidade biológica, assim como o patrimônio histórico-cultural, além de gerar emprego e renda para a população local.

De acordo com Casasola (2003), o artesanato é uma das atividades de maior representatividade no desenvolvimento da atividade turística. Concebendo o artesanato como um dos elementos essenciais da cultura local de um povo, este desponta como importante foco de crescimento da atividade turística.

Nesse contexto, cabe ressaltar as diversas vantagens geradas pela estreita relação entre os setores do turismo e artesanato, mediante inclusão do artesão, do local de trabalho e das técnicas de confecção do artesanato no roteiro turístico, além da adoção de ações estratégicas integradas, como por exemplo, a comercialização de produtos locais em pontos turísticos e a decoração de hotéis, pousadas, restaurantes, lanchonetes e agências de viagens com produtos artesanais, com o objetivo de evidenciar a identidade da cultura local. Em Parintins, é comum visualizar-se peças artesanais em que estão evidenciados os bois-bumbás Garantido e Caprichoso, réplicas de aves, répteis e embarcações regionais ao adentrarmos em determinados pontos turísticos e empresas que trabalham diretamente com o turismo.

Há algumas iniciativas do Sebrae, mesmo que tímidas, por meio do Programa Sebrae, que objetiva a fixação do artesão em seu local de origem e conceber o turismo e artesanato como atividades interdependentes. Ramos (2013, p. 48) destaca que:

O turismo constitui uma das principais interfaces do Programa Sebrae de Artesanato. A construção da reputação do destino turístico depende desse ‘olhar o entorno’, por isso faz-se necessário consolidar vínculos do artesanato com o turismo, transformando o artesão e seu local de produção em destino turístico a partir deste ‘olhar’, do contexto em que está inserido, e de sua história (RAMOS, 2013, p. 48).

Santos (2012, p.81) apresenta que o artesanato é reconhecido por apresentar-se de diferentes formas. Dependendo da cultura onde se manifesta, ocorre a transformação de seus valores em objetos de lembranças e registros que repassam a identidade do lugar turístico visitado.

Na base ou rodapé das peças artesanais em madeiras comercializadas em Parintins, é comum visualizarmos as seguintes frases: *Lembrança de Parintins – AM* ou *Lembrança da Terra do Boi-Bumbá*.

Moesch (2002, p. 56) complementa ainda que o turismo consiste em uma complexa combinação entre produção e serviços, em cuja composição integram-se uma prática social com base cultural, com herança histórica, a um meio ambiente diverso, relações sociais de hospitalidade e intercâmbio cultural.

Ignarra (1999) discute a ideia de caracterizar o artesanato como elemento na composição do produto turístico, argumentando que o visitante deseja comprar lembranças típicas dos locais que ele visita. De acordo com pesquisa realizada pelo SEBRAE (2011), a identidade de um país é, em grande parte, construída com elementos histórico-sociais-culturais recorrentes em suas manifestações de trabalho, como é o caso do artesanato. Assim, colocar à disposição dos visitantes locais para que eles possam comprar o autêntico artesanato é muito importante, assim como também possibilitar ao turista o acesso às oficinas de produção artesanal, para que ele acompanhe as técnicas de elaboração do artesanato, facilitando o processo de comercialização.

No município de Parintins, o Festival Folclórico consiste em um evento que ocorre anualmente no último final de semana do mês de junho, e que possui impacto direto no aumento do volume de vendas das peças artesanais em madeira. França (2014, p. 77) argumenta que:

O Festival constitui-se em uma oportunidade para o povo de Parintins, pois, além de ser um evento que se tornou referência dentro e fora do Amazonas, estendendo-se a outros países, é uma oportunidade de geração de renda para os artesãos parintinenses. Para alguns é também uma oportunidade de mostrar a sua cultura para o resto do país, sendo um dos mais importantes eventos do calendário cultural brasileiro (FRANÇA, 2014, p.77).

Quanto à oportunidade de aumento na geração de renda familiar no período do Festival Folclórico, a artesã relata o seguinte:

Para mim, e para um monte de artesãos parintinenses que trabalham com os diferentes artesanatos, o Festival de Parintins é a maior oportunidade de vender artesanatos e tornar conhecidos em todo o mundo. Já participei de feiras de exposição e várias pessoas têm curiosidade de conhecer nosso Festival e nosso artesanato. O Festival nos torna visíveis aos olhos do mundo todo (Entrevista com a senhora D. L., 42 anos, Cidade de Parintins, Setembro de 2014).

Outro evento marcante na geração de emprego e renda aos artesãos locais consiste no período entre os meses de novembro a maio, com a chegada de aproximadamente 18 cruzeiros oriundos de países como Canadá, Estados Unidos, Suíça, Inglaterra e Austrália, que ficam ancorados no meio do rio, pois o porto de Parintins não está preparado para a atracação de navios de grande porte, em que pequenos *boats* realizam a travessia desde o transatlântico até a balsa do porto (Figura 03). Um dos fatores favoráveis ao crescimento da atividade foi a inclusão do rio Amazonas na rota dos cruzeiros internacionais. Somente a partir da segunda metade da década de 90 foi que o Estado entrou na rota dos grandes cruzeiros segundo a Associação Brasileira de Representantes de Empresas Marítimas – ABREMAR.

Figura 03: Transatlântico ancorado no meio do rio Amazonas e o pequeno *boat* realizando a travessia.



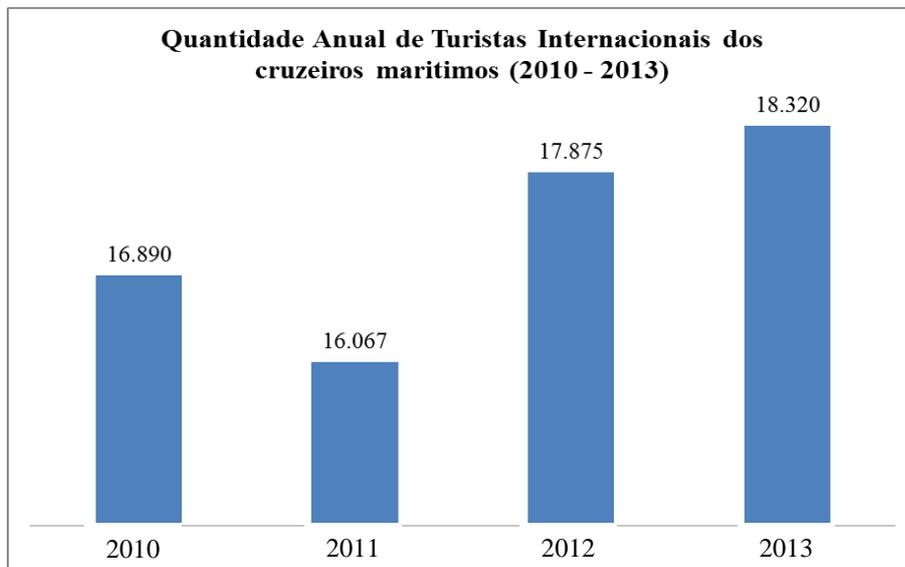
Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Fonseca (2010) argumenta que a navegabilidade durante o ano inteiro no rio Amazonas favoreceu a expansão do número de cruzeiros com destino até Manaus. Aliado a

isso está o significado simbólico que a Amazônia representa para o mundo com as belezas naturais e a diversidade cultural nas cidades e comunidades ribeirinhas localizadas às margens do maior rio do mundo, o rio Amazonas.

De acordo com dados oficiais da Amazonastur (Gráfico 01), o turismo internacional no Amazonas cresce a cada temporada, motivados pelo conhecimento da cultura local e pela compra de artesanato.

Gráfico 01: Quantidade Anual de Turistas Internacionais dos cruzeiros marítimos no Amazonas.



Fonte: Amazonastur (2014)

Percebe-se diante desse gráfico, que houve uma queda significativa na quantidade de turistas internacionais que visitaram o Amazonas no ano de 2011. A Secretaria Municipal de Turismo e Cultura informou que isso ocorreu devido ao rompimento de contrato de pacotes turísticos existente entre agências de viagens e as empresas dos transatlânticos para a Amazônia. Nesse sentido, houve esse retrocesso no turismo internacional, mas que a *posteriori*, a quantidade aumentou consideravelmente.

Assim, a organização e a diversificação dos produtos artesanais proporcionarão elevação nos gastos pelos turistas e, conseqüentemente, aumento na geração de renda para os artesãos locais. Apesar do aumento considerável da chegada de cruzeiros marítimos a cada temporada na cidade de Parintins, percebe-se a necessidade de instalação de infraestrutura turística, com aportes financeiros, recursos humanos qualificados e apresentação de peças artesanais com ótimo acabamento.

O quadro 04 resume as oportunidades e fragilidades da interação entre turismo e artesanato em Parintins:

Quadro 04: Oportunidades e fragilidades da interação entre turismo e artesanato em Parintins

OPORTUNIDADES	FRAGILIDADES
Intercâmbio Cultural	Transformação da Identidade Cultural mediante influências de outras culturas
Comercialização do artesanato em madeira em demais regiões brasileiras	Ausência de acessibilidade aos turistas internacionais (em sua maioria são idosos), dificultando o desembarque no porto de Parintins e, conseqüentemente, havendo queda na venda das peças artesanais.
A cultura local do Boi-Bumbá eleva a competitividade do artesanato em madeira como produto turístico	Extração da matéria-prima para o artesanato em locais não-manejados.
Reafirmação e valorização da identidade cultural	Indefinição dos valores das peças artesanais
Geração de emprego e renda aos artesãos	Número reduzido de artesãos bilíngues, que dificulta o processo de comunicação e comercialização das peças artesanais.
Disponibilização de cursos de língua estrangeira para artesãos e familiares envolvidos na atividade	Ausência de um Programa Municipal de Desenvolvimento do Artesanato em Parintins, que promoveria a integração do setor do artesanato com outros setores, em especial como turismo.
Realização de feiras e <i>stands</i> de exposição no porto de Parintins e na Praça da Catedral, no período do Festival Folclórico	Falta de apoio do poder público municipal no que tange à melhoria dos espaços de comercialização.

Fonte: Pesquisa de campo (2014)

CAPÍTULO IV: CARACTERIZAÇÃO DO SETOR DE ARTESANATO EM MADEIRA NO MUNICÍPIO DE PARINTINS

Neste capítulo, o quadro 05 descreve resumidamente as variáveis de cada categoria/dimensão a ser estudada:

Quadro 05: Categorias/ Dimensões e as Variáveis elencadas para análise

CATEGORIAS/ DIMENSÕES	VARIÁVEIS
Perfil Socioeconômico do Artesão	<ul style="list-style-type: none"> • Local de Nascimento • Faixa Etária • Estado Civil • Nível de Escolaridade • Condições de Moradia
Trajatória de Vida do Artesão	<ul style="list-style-type: none"> • Formas de Aprendizado da Profissão • Tempo que trabalha com a Atividade • Motivação para trabalhar na Profissão • Desempenho de outras atividades • Renda Familiar • Destinação da renda obtida • Acidentes e doenças adquiridas com a atividade
Organização da Produção	<ul style="list-style-type: none"> • Tempo diário dedicado ao exercício da atividade • Etapas do processo produtivo • Inovações introduzidas no processo produtivo • Divisão social do trabalho e o trabalho feminino • Critérios de determinação do valor das peças
Caracterização das Espécies de madeira	<ul style="list-style-type: none"> • Enumeração das principais espécies de madeira • Enumeração das demais matérias-primas
Sustentabilidade Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> • Racionalização na extração da matéria-prima • Utilização de matéria-prima natural/ renovável • Adequabilidade dos resíduos sólidos oriundos do processo de confecção
Sustentabilidade Social	<ul style="list-style-type: none"> • Incentivo à prática do associativismo • Geração de emprego e renda • Qualificação Profissional
Sustentabilidade Econômica	<ul style="list-style-type: none"> • Artesanato em madeira como atividade principal • Estratégias de Acesso aos Mercados • Troca da Moeda Estrangeira • Fluxograma da Cadeia Produtiva
Sustentabilidade Cultural	<ul style="list-style-type: none"> • Preservação da cultura local • Uso e apropriação de elementos simbólicos • Utilização de matéria-prima local

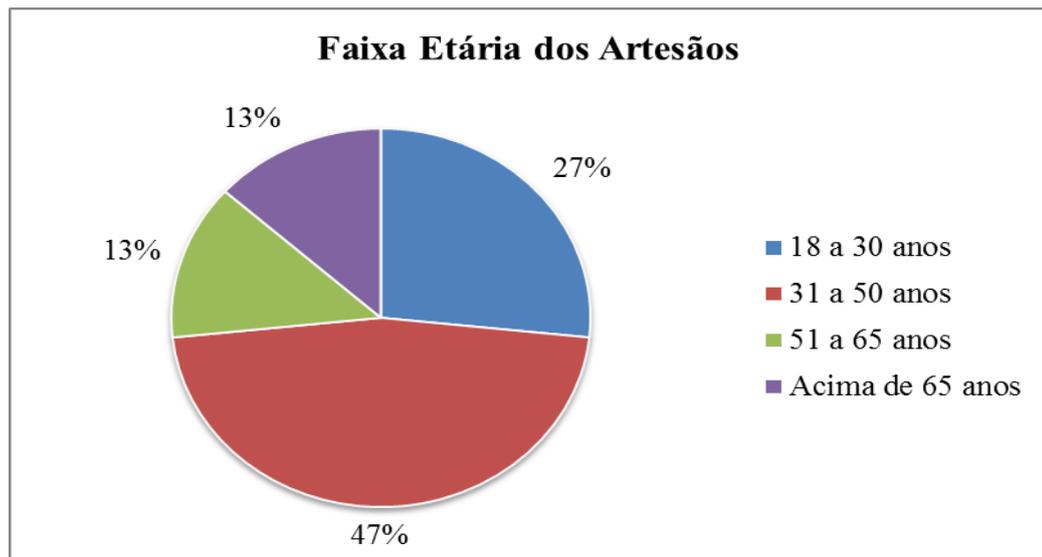
Fonte: Elaborado pelo autor baseado em Mouco (2010)

4.1 PERFIL SOCIOECONÔMICO DOS ARTESÃOS

Dentre os comunitários de Santa Maria - Vila Amazônia e da cidade de Parintins, na sua totalidade foram 15 artesãos entrevistados que fazem parte da Associação dos Figurinistas e Artesãos de Parintins – ASFAPIN. Geralmente os artesãos costumam trabalhar individualmente ou em grupo, na maioria dos casos como núcleos familiares, onde todos os membros da família participam direta e/ ou indiretamente no processo de confecção e comercialização do artesanato em madeira, sob o aspecto da divisão social do trabalho, onde cada um conhece uma ou mais etapas do processo, com o apoio inclusive de adolescentes e mulheres.

Dos entrevistados, 06 eram mulheres (40%) e 09 eram homens (60%), sendo que destes apenas 6% eram solteiros; 7% eram divorciados; 60% eram casados; e 27% viviam em união consensual. Uma informação interessante pode-se destacar que, estes dois últimos dados, que totalizam 87% de artesãos casados e com união consensual representam os núcleos familiares, com a figura da mulher na atividade do artesanato. No que se refere à idade, o grupo se divide de acordo com o gráfico 02.

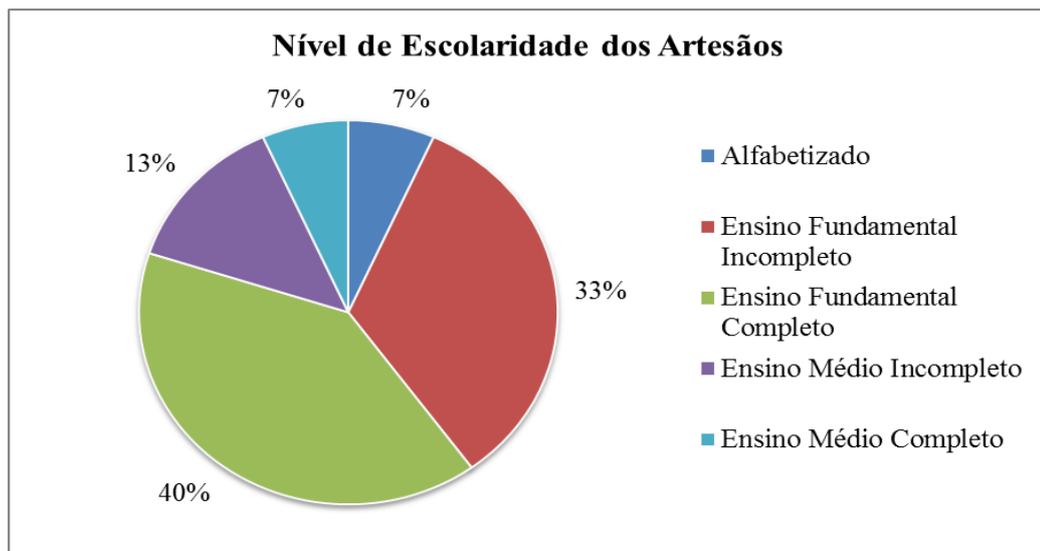
Gráfico 02: Faixa Etária dos Artesãos.



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

A origem dos moradores da área estudada, ou o local de nascimento, estão distribuídos da seguinte forma: 70% são oriundos do próprio município de Parintins e de outras comunidades ribeirinhas circunvizinhas; 10% são procedentes do Estado do Pará, especificamente das cidades de Juruti e Oriximiná; e 20% correspondem aos artesãos que nasceram em alguns municípios do Baixo Amazonas (Barreirinha, Boa Vista do Ramos e Nhamundá). Desta totalidade, 65% residem no município de Parintins há mais de 10 anos; 28% residem entre 3 a 5 anos; e 10% residem entre 1 a 2 anos. Quando questionados sobre o interesse de mudar cidade ou da comunidade, 92% afirmaram que não. Quanto ao nível de escolaridade, o gráfico 03 demonstra essa distribuição, apresentando baixa escolaridade dos artesãos.

Gráfico 03: Nível de Escolaridade dos Artesãos.



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Em relação às condições de moradia, 53% dos entrevistados residem em casas de alvenaria; e 47% moram em casas de madeira. É importante destacar, que todos os artesãos da comunidade Santa Maria – Vila Amazônia residem em casas de madeira, assim como todas as oficinas de arte estão localizadas aos fundos da residência, sem segurança na armazenagem da matéria-prima (Figura 04), inclusive na cidade de Parintins.

Figura 04: Oficina de Artesanato improvisada no fundo do quintal.



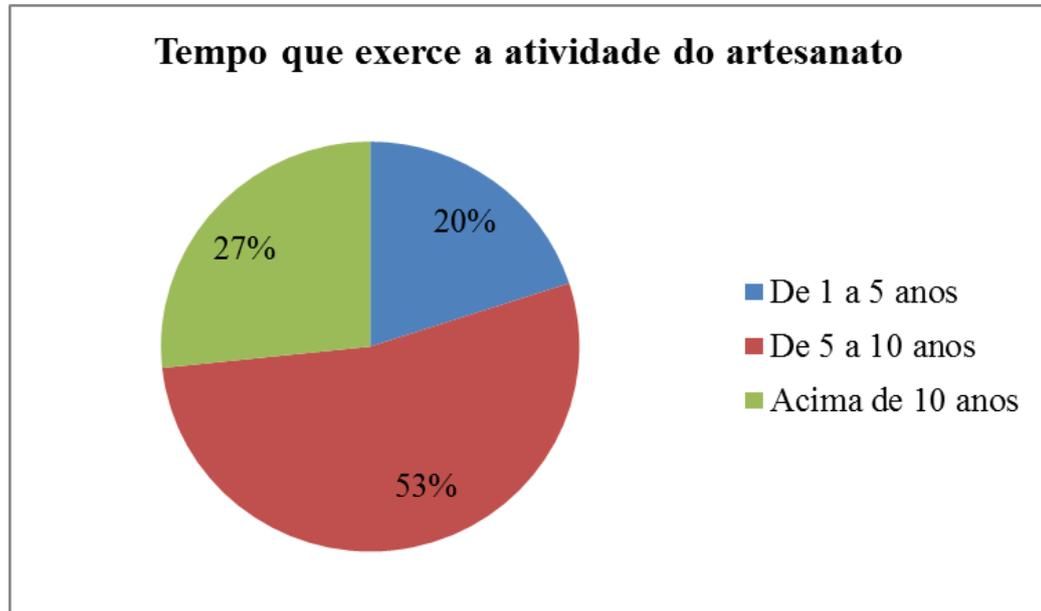
Fonte: Pesquisa de campo (2014)

4.2 TRAJETÓRIA DE VIDA DO ARTESÃO

Este tópico apresenta a trajetória de vida do artesão, destacando o tempo de exercício da atividade artesanal, o envolvimento da família na atividade, as formas de aprendizado da profissão, os aspectos motivacionais para o desempenho da atividade e de outras habilidades.

O gráfico 04 demonstra o tempo que o artesão desenvolve a atividade do artesanato em madeira. Pode-se discutir que os artesãos possuem grande experiência no setor artesanal, onde mais de 50% dos entrevistados já trabalham entre 5 a 10 anos. O artesão mais experiente identificado na pesquisa possui 18 anos de exercício da atividade.

Gráfico 04: Tempo que exerce a atividade do artesanato.

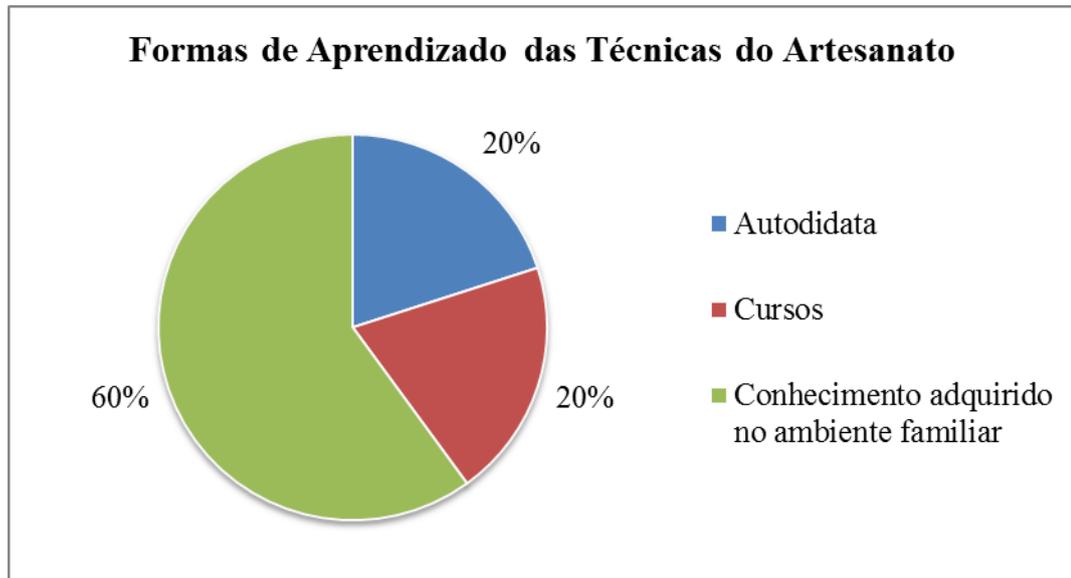


Fonte: Pesquisa de campo (2014)

A aprendizagem da profissão de artesão consiste em um processo que se desenvolve de forma coletiva e hereditária, cujo conhecimento está enraizado na sociedade e no território em um contexto social e cultural específico. Assim, percebe-se que os artesãos da cidade de Parintins e da comunidade Santa Maria – Vila Amazônia possuem essas características, isto é, aprenderam as técnicas de confecção do artesanato muito cedo e, em sua maioria, algum membro da família já desenvolvia a atividade.

De acordo com o gráfico 05, a maioria dos entrevistados afirmaram que obtiveram o conhecimento das técnicas através de algum membro da família (pais e avós), e os demais por meio de cursos oferecidos por instituições do Sistema S e Associações Folclóricas Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso, e também por conhecimento autodidata, isto é, são habilidades internas que, com o passar do tempo foram aperfeiçoando-se.

Gráfico 05: Formas de Aprendizado das Técnicas do Artesanato



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Observa-se que o processo de aprendizado das técnicas do artesanato em madeira na cidade de Parintins e na comunidade Santa Maria – Vila Amazônia ocorre predominantemente no ambiente familiar, de geração em geração, sendo que a maioria dos artesãos aprende o ofício ainda na fase adolescente.

Quando questionados sobre a renda, percebe-se que os artesãos possuem baixa renda nos períodos entre os meses de julho a dezembro, correspondendo a 60% com uma renda média entre um a dois salários mínimos e 40% com menos de um salário mínimo. Em contrapartida, no período entre os meses de novembro a maio, a comercialização das peças artesanais em madeira aumenta, para uma média de quatro a cinco salários mínimos, em razão da temporada dos transatlânticos. Mas é na época do Festival Folclórico, no mês de junho, que os artesãos aumentam exorbitantemente o volume de vendas, chegando até a uma renda de R\$4.000,00, pois os mesmos argumentaram que muitos turistas compram no atacado para comercializarem em outros locais.

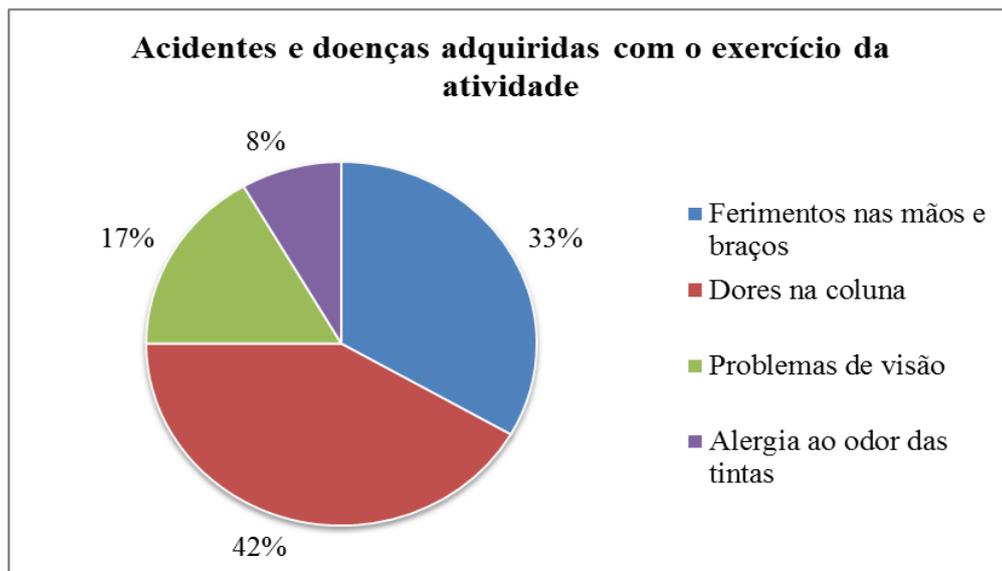
Dos artesãos entrevistados 73% afirmaram que a renda do artesanato contribuiu para a compra de eletrodomésticos, suprimentos básicos (alimentos como arroz, feijão, açúcar, café) para a casa, pagamentos de conta de energia elétrica e água encanada, ampliação e reforma da residência, e investimento na própria atividade, comprando materiais e ferramentas para a produção das peças. Em contrapartida, 27% alegam que a renda do

artesanato apenas ajuda na compra de alimentação básica. O relato do artesão discorre sobre essas mudanças:

Antes o artesanato mal ajudava a comprar as coisas para comida de casa e o material escolar dos meninos; só tinha uma bicicleta velha que era a única maneira de trazer as toras de madeira do ‘centro’⁶; o fogão era a lenha, passava mesmo necessidade, que acordava de manhã e não tinha ao menos um pedaço de pão e um copo de café na mesa. Hoje as coisas mudaram muito, consegui construir minha casinha de alvenaria, comprei meu fogão a gás, a minha furadeira pra ajudar no furo das sementes, já tenho uma moto, que meu filho pega as toras de madeira no centro mais rápido, meus netos já têm a roupa da escola e material pra estudar, e nunca mais faltou comida na mesa. Tudo isso graças à Deus e ao esforço de toda minha família, que cada um ajuda um bocadinho no entalhe do artesanato até vender para os gringos no porto e no Festival (Entrevista com o Sr. R. C., 68 anos, Comunidade Santa Maria – Vila Amazônia, Setembro/ 2014)

Os artesãos foram questionados quanto aos acidentes e doenças adquiridas com a prática de confecção do artesanato, e 80% dos entrevistados responderam de maneira positiva, enumerando algumas enfermidades, conforme o gráfico 06. Destes, 42% alegam dores na coluna, causada pela postura e pelo tempo de confecção das peças; 33% afirmaram que já acidentaram-se no processo de corte e entalhe, gerando ferimento nas mãos e braços; 17% apontaram problemas de visão, pois algumas etapas no processo produtivo, como a pirografia e acabamento, exigem uma atenção minuciosa para não cometerem erros; e 8% responderam que a alergia a determinado tipo de tinta, impossibilita-os no processo de pintura das peças.

Gráfico 06: Acidentes e doenças adquiridas com o exercício da atividade.



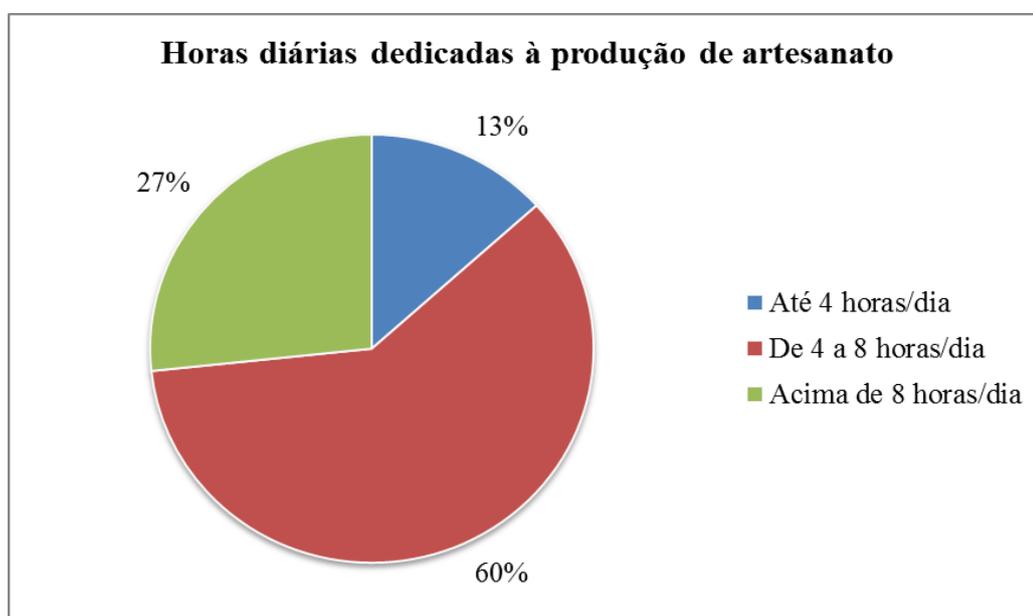
Fonte: Pesquisa de campo (2014)

⁶ O entrevistado refere-se aos locais de extração da madeira mais longínquos às margens do ramal.

4.3 ORGANIZAÇÃO DA PRODUÇÃO

Como discutiu-se no tópico anterior, a atividade do artesanato configura-se, na sua grande maioria, como a responsável pela obtenção da renda familiar, onde são envolvidos, homens, mulheres e jovens. Quando questionados sobre a quantidade de horas diárias dedicadas exclusivamente à produção do artesanato, o gráfico 07 demonstra as seguintes respostas obtidas.

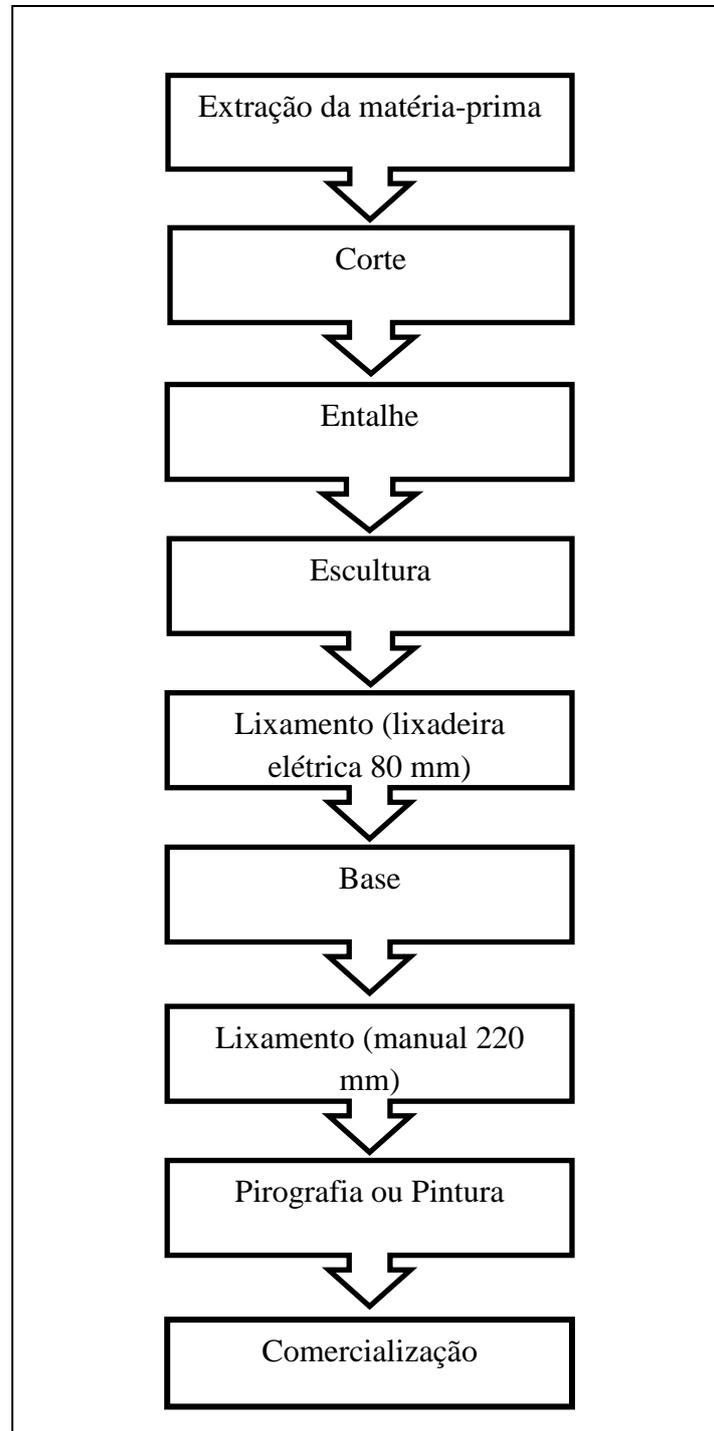
Gráfico 07: Horas diárias dedicadas à produção do artesanato.



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

A organização da divisão social do trabalho envolve desde os avós até os netos, que contribui de forma direta ou indiretamente no processo produtivo, desde a extração da matéria-prima até a comercialização, como demonstra a Figura 05 abaixo:

Figura 05: Etapas do Processo Produtivo do artesanato em madeira.



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

A primeira etapa do processo produtivo do artesanato começa com a extração da matéria-prima, que são elementos complementares para a confecção do artesanato, como o ouriço de castanha (*Bertholletia excelsa*), conforme a Figura 08, sementes de açaí (*Euterpe*

oleracea Mart.) e semente castanharana (*Eschweleira odorata*). Os principais tipos de madeiras utilizados são: Bambu (*Bambusa vulgaris*), Molongó (*Ambelania acida*) e Ucuúba-Vermelha (*Virola sebifera*). Na maioria das vezes, essa matéria-prima é retirada das comunidades rurais que ficam à margem do ramal da Vila Amazônia. Em outros casos, há retirada de matéria-prima nas comunidades de expansão urbana de Parintins (Aninga, Macurany e Parananema).

Figura 06: Ouriços de Castanha (*Bertholletia excelsa*).



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

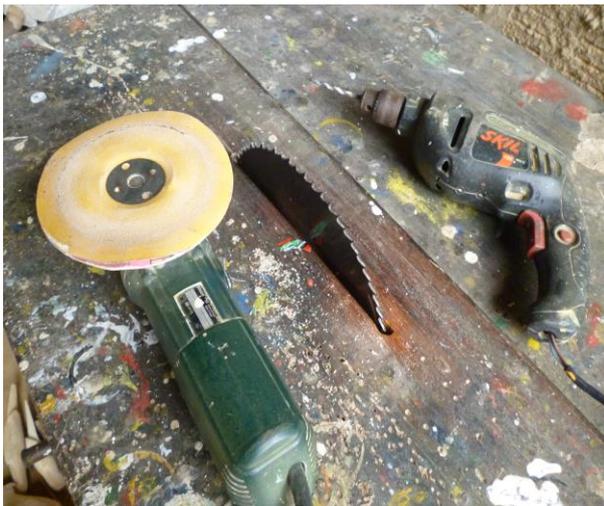
Na segunda etapa, tem-se o corte da madeira em toras. Na terceira etapa, o processo de entalhe que proporciona contorno à peça; logo em seguida a escultura. Posteriormente a peça vai para a lixadeira elétrica (80 mm) para retirar as falhas ocasionadas pela escultura; passa-se a base; outro processo de lixamento manual (220 mm); em seguida vai para o processo de acabamento, que constitui-se na pirografia ou na pintura; e por fim segue para a comercialização. No processo produtivo, Fonseca (2010) discute que o artesão recorre ao seu universo simbólico e cultural repleto de lendas, mitos e tradições que regem seu cotidiano e a sua percepção da fauna e da flora do lugar para projetar as figuras que irá produzir. Deste modo, esculpindo aves, peixes e animais, projeta no artesanato a identidade e o seu sentimento de pertencimento ao lugar em que vive.

Foi questionado quanto às inovações inseridas no processo de confecção do artesanato em madeira. Apenas 27% dos entrevistados afirmaram que não introduziram

inovação no processo produtivo; em contrapartida os 73% argumentaram que já desenvolvem o processo de inovação na confecção do artesanato em madeira, por meio de maquinários que auxiliam no processo produtivo.

O trabalho manual é predominante na confecção do artesanato em madeira de Parintins/ AM, mas que torna-se necessário a inserção de pequenos maquinários que auxiliam e proporcionam rapidez e melhor acabamento das peças, tais como: a furadeira elétrica, a serra elétrica de mesa, a lixadeira elétrica portátil e a lixadeira elétrica de mesa. Em contrapartida, os artesãos informaram que esses maquinários consomem muita energia e geram resíduos.

Figura 07: Ferramentas mecanizadas utilizadas na confecção e acabamento das peças artesanais (lixadeira elétrica portátil, serra e furadeira elétrica).



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Figura 08: Ferramenta mecanizada utilizada no acabamento das peças artesanais (lixadeira elétrica de mesa).



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Um dos relatos de uma artesã destaca a importância desse processo de mecanização nas etapas de confecção:

Antes de nós conseguir essas pequenas máquinas, era muito difícil para nós aceitar encomendas de artesanato em madeira em muita quantidade. O trabalho era muito lento, a gente usava só ferramenta antiga. Depois que a gente comprou a serra e a lixadeira elétrica ajudou muito a gente a conseguir atender os pedidos de encomendas. Agora, por exemplo, a gente tem que mandar 200 peças de Pirarucu pirografado e 100 barquinhos para Minas Gerais. Com isso, a gente ganha confiança de quem compra de nós, e ainda ganha um dinheirinho extra (Entrevista com a Sra. I. S., 55 anos, Comunidade de Santa Maria – Vila Amazônia, Setembro/ 2014)

Os homens são os que mais se dedicam ao ofício da confecção de artesanato, mesmo tendo que cuidar da roça e prover alimentos para casa, são eles que produzem mais peças e dedicam mais tempo a produção (Figura 09). Em contrapartida, as mulheres que têm uma ocupação dividida entre os serviços domésticos, cuidar dos filhos e outros afazeres, somente quando resta tempo é que se dedicam a determinadas etapas do processo produtivo, consideradas etapas leves, como o lixamento e o acabamento (Figura 10). O processo de comercialização para turistas internacionais, no período entre os meses de novembro a maio, ocorre com a intermediação de jovens entre 18 a 20 anos (Figura 11), geralmente são os netos, pois estudam língua estrangeira na Escola Municipal de Idiomas “Aldair Kimura Seixas”, localizada na cidade de Parintins. Nesta escola são ofertados cursos gratuitos de língua inglesa, espanhola e japonesa, e alguns deles possuem público-alvo bem específicos, tais como: artesãos, mototaxistas, taxistas, tricicleiros e comerciantes em geral.

Figura 09: Artesão entalhando a peça



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Figura 10: Participação feminina no acabamento das peças artesanais em madeira



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

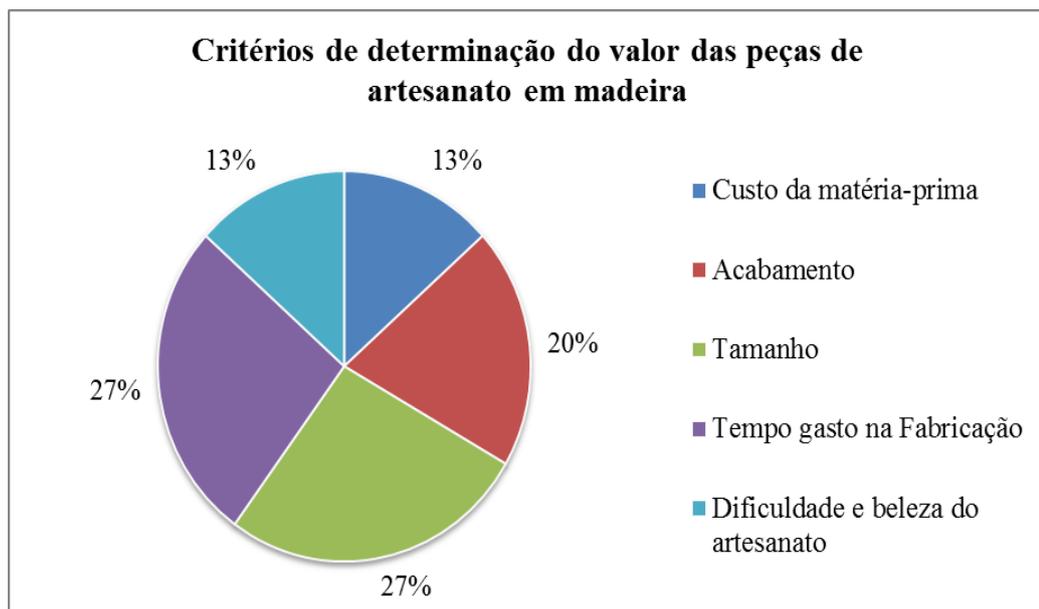
Figura 11: Jovem comercializando as peças artesanais em *stands* de exposição



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Apesar de todo o esforço e a divisão social do trabalho para a confecção e comercialização do artesanato em madeira, os artesãos utilizam como principais critérios para determinar o preço das peças o tempo gasto na produção, o acabamento e o tamanho do artesanato (Gráfico 08).

Gráfico 08: Critérios de determinação do valor das peças de artesanato em madeira



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

A ausência de determinados parâmetros que norteiam a determinação do valor da peça do artesanato em madeira pode ser esclarecida sob três fatores:

- O primeiro fator refere-se à comercialização com os turistas, pois os artesãos não possuem o conhecimento de que são os vendedores que determinam os valores dos produtos, porém no caso das vendas do artesanato na cidade de Parintins e na comunidade Santa Maria – Vila Amazônia, a maioria dos turistas (consumidores) são os que determinam os valores dos artesanatos, deste modo, uma peça calculada em \$30,00 (trinta dólares) pode ser vendido em até \$15,00 (quinze dólares). Os artesãos explicam que eles têm a necessidade de vender o maior número possível de artesanatos para ajudar na renda familiar.
- O segundo fator diz respeito a relação de troca de moeda entre artesãos e empresários locais, em que nestes últimos, a moeda estrangeira é ofertada à valores muito abaixo da cotação de mercado.
- O terceiro fator refere-se aos valores sociais, culturais e ambientais agregados nos produtos, que são desconsiderados na determinação do valor do artesanato. Peças confeccionadas por artesãos e com matérias-primas da região Amazônica deveriam possuir uma elevada agregação de valor no mercado externo.

4.4 CARACTERIZAÇÃO DAS ESPÉCIES DE MADEIRA UTILIZADAS NA CONFECÇÃO DO ARTESANATO

Fonseca (2010) enumera e descreve as principais espécies de madeira utilizadas na confecção do artesanato, a saber:

Molongó (*Ambelania acida*): É uma árvore de porte médio da família *Malouetia duckei*, comum nas áreas de várzea e igapós da Amazônia desenvolve-se rapidamente atingindo a fase adulta em aproximadamente um ano após sua germinação. Pode atingir até 15m de altura e sua madeira é branca, macia e leve por isso é muito utilizada na fabricação de réplicas de aves e animais pelos artesãos.

Ucuúba-Vermelha (*Virola sebifera*): A madeira leve possui textura média, grã regular, superfície áspera e grosseira, alburno de coloração creme claro e cerne mais escuro, levemente rosado até castanho vermelho intenso. É empregada em construção de interiores,

carpintaria, marcenaria e na fabricação de caixas, palitos de fósforo, laminados, compensados, celulose, papel e artesanato. O óleo extraído das sementes (sebo de ucuúba), rico em trimiristina e de odor agradável, pode ser usado na fabricação de velas, sabões, cosméticos e perfumes.

Bambú (*Bambusa vulgaris*): Cientificamente o bambu é um representante da Família das Gramíneas, Gramineae ou Poaceae, Subfamília Bambusoideae que é dividida em duas ramificações; a primeira é a Bambuseae com espécimes de maior porte, xilemáticos, ou seja, com colmos lenhosos e a segunda é a Olyreae com espécies de menor porte, herbáceos. Algumas espécies são mais abundantes e exploradas comercialmente para diversificadas finalidades, por isso são mais conhecidas, como a espécie *Dendrocalamus latiflorus* ou *Bambusa mitis*, popularmente chamados de bambu chinês, bambu bengala ou bambu verde. Originário do sul da China é muito utilizado para confecção de cestos e artigos de artesanato. Entretanto sua resistência física é baixa apesar de suas dimensões serem medianas. Esta espécie é a única que não é peculiar à região Amazônica, mas que faz parte de algumas peças de artesanato local.

Segundo relatos dos artesãos, os turistas apenas compravam artesanato em madeira com acabamento sem pinturas de esmalte. A partir daí, passou-se a usar a Ucuúba-Vermelha na produção de remos e quadros (Figura 12), o Molongó para as réplicas de animais e de barcos (Figura 13) e o Bambu para a produção de porta-lápis (Figura 14). Atualmente com a produção diversificada os turistas aceitam comprar peças pintadas com tinta esmalte. Com a aceitação das peças artesanais pintadas com tintas esmalte, aproveitou-se a oportunidade de estabelecer uma relação com a cultura local, apropriando-se das cores azul e branca, com referência ao boi-bumbá Caprichoso, e das cores vermelha e branca, do boi-bumbá Garantido.

Figura 12: Quadros e réplicas de remos confeccionados de Ucuúba-Vermelha.



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Figura 13: Réplicas de barcos regionais confeccionados de Molongó.



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Figura 14: Porta-lápis confeccionados de Bambus



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Referente à utilidade de determinadas peças de artesanatos, percebe-se que o remo deixou a funcionalidade laboral para a decoração. Esse discurso descreve como ocorreu essa transição:

Antes, a gente vendia muito remo pros pescadores do beiradão. Eu chegava a vender mais ou menos 50 remos num mês. Depois disso, veio o motor rabeta, e ninguém quis mais remar. Hoje vendemos remos estilizados pra decorar casas, restaurantes, hotéis e pousadas. Na época do Festival, uns dois meses antes, recebo encomendas pra esculpir remos, e chego a vender nesse período uns 200. Mas fora do período do Festival, não vendo mais que 10 remos (Entrevista com a Sra. M. R., 35 anos, Cidade de Parintins, Setembro/ 2014).

O relato desta artesã esclarece esse processo de transição da funcionalidade do remo. A inserção do ‘motor rabeta’, que consiste em um motor de propulsão utilizado para o transporte de pessoas e produção rural no trecho campo-cidade-campo, tornou mais rápido esse deslocamento. Nesse sentido, os remos confeccionados atualmente são, em sua grande maioria, para decoração de diversos ambientes domésticos e comerciais.

Quanto às espécies de madeira mais utilizadas na confecção do artesanato nas demais cidades do Amazonas, Durigan, Lira e Pereira (2012) elencam:

Arumã (*Ischnosiphon ovatus*): Plantas terrestres, herbáceas, que ocorrem em matas de igapó e terra-firme. A parte utilizada são as talas processadas para utilização na fabricação de tupés, peneiras, balaios, tipitis e cestarias em geral.

Cipó Ambé (*Philodendro Bipinnatifidum*): Planta Hemiepífita, isto é, prende-se a uma árvore e lança raízes ao solo bastante comum nas matas de igapó. Estas raízes ou fios são as partes utilizadas na fabricação do artesanato.

Cipó-Titica (*Heteropsis spp*): É denominado de hemiepífito secundário, ou seja, geralmente germina no chão de onde se desloca para fixar-se sobre uma árvore hospedeira em cujo tronco irá se desenvolver, mantendo contato com o solo através de raízes alimentares, estas sendo as partes coletadas e posteriormente beneficiadas para a comercialização.

Cipó Timbó-Açu (*Serjania lamotteana*): Possui basicamente as mesmas características e hábitos gerais do cipó-titica, sendo diferenciado à primeira vista pelo maior diâmetro das raízes alimentares, é utilizado para a fabricação de vassouras, sendo os fios comercializados desfiados, não apresentando a flexibilidade do cipó-titica.

Jacitara (*Desmoncus polyacanthos Mart.*): É uma palmeira de caule fino e espinhosa que cresce apoiada sobre outras plantas. Sua tala é usada na fabricação de peneiras.

Piaçava (*Attalea funifera Mart.*): Espécie de Palmeira e suas áreas de ocorrência são conhecidas como piaçabais devido a sua grande concentração e por ser um tipo de mata de campinarana diferenciada. A parte utilizada para o comércio e artesanato são as fibras abundantes e resistentes que se formam nas bases das folhas e acabam por cobrir todo o caule das plantas.

Tucumã (*Astrocaryum vulgare Mart.*): Palmeira alta, de caule espinhoso, comumente encontrada em capoeiras e roças. Frutos comestíveis. De suas folhas novas extrai-se fibra para confecção de cestaria e redes.

Assim, pode-se perceber a grande variedade de espécies de madeiras, cipós, e sementes que tornam-se matéria-prima para a produção do artesanato no município de Parintins.

4.5 DISCUSSÃO DAS DIMENSÕES DA SUSTENTABILIDADE E O ARTESANATO EM MADEIRA EM PARINTINS

Para se conhecer de forma sistemática e integrada o processo de confecção do artesanato em madeira na cidade de Parintins e na comunidade de Santa Maria – Vila Amazônia, faz-se necessário discutir as dimensões da sustentabilidade e o artesanato em madeira, através da revisão bibliográfica e de pesquisa de campo, objetivando verificar os benefícios que o artesanato em madeira pode gerar ao local de estudo, seja de ordem ambiental, social, econômica e cultural, com base nas literaturas já discutidas nos capítulos anteriores.

4.5.1 Sustentabilidade Social

As informações coletadas em campo serão apresentadas por meio de categorias/dimensões e, a partir daí, serão discutidos os possíveis benefícios/ problemas gerados pela atividade do artesanato em madeira.

De acordo com Sachs (2002) a sustentabilidade social consiste no processo de desenvolvimento que conduz a um padrão estável de crescimento com a distribuição mais equitativa da renda, assegurando uma significativa melhoria do acesso a bens e serviços sociais das grandes massas da população e seus direitos. No contexto social, o artesão sente-se com elevada auto-estima quando percebe seu trabalho sendo divulgado e valorizado.

No que tange à coletividade, Marinho (2007) descreve que o associativismo e o capital social são elementos importantes para potencializar a atividade artesanal. A organização em torno de associações, cooperativas e sindicatos proporcionam um processo de gestão participativa, contribuindo para o desenvolvimento da atividade.

Mouco (2010) argumenta que a atividade do artesanato, desde que ela seja desenvolvida de forma organizada e cooperada, pode gerar diversos benefícios sociais para os artesãos e seus familiares, como por exemplo, o incentivo à prática do associativismo, qualidade de vida, inserção do trabalho feminino em determinadas etapas do processo de confecção do artesanato, geração de emprego e renda, fixação do artesão no seu local de origem, qualificação profissional e diferentes formas de aprendizado da profissão. Essas características foram baseadas em Mouco (2010), e se tornarão categorias de análise

secundária para avaliar se realmente o artesanato em madeira confeccionado na cidade de Parintins e na comunidade de Santa Maria – Vila Amazônia atende todas essas características, contribuindo assim para a sustentabilidade social.

As variáveis a serem analisadas neste tópico, estão descritas na apresentação deste capítulo:

Incentivo à prática do associativismo: A Associação dos Figurinistas e Artesãos de Parintins – ASFAPIN possui em torno de 30 associados, que desenvolvem a atividade do artesanato a partir de diversas matérias-primas, tais como: tecidos, sementes, cipós, ouriços, e o mais predominante, o artesanato em madeira. A partir da prática do associativismo, 53% dos entrevistados afirmaram que já obtiveram financiamentos junto à Agência de Fomento do Estado do Amazonas – AFEAM, com valor de até R\$15.000,00 (quinze mil reais), com o objetivo de ampliar e/ ou reformar os equipamentos de produção e os ateliês. Além disso, o associativismo proporcionou a estreita relação institucional junto à SETRAB, que organiza os *stands* de exposição no período do Festival Folclórico e na temporada dos transatlânticos.

Geração de renda e emprego: 67% dos artesãos entrevistados afirmaram que não desempenham outra atividade, além do artesanato. Outros 33% responderam que exercem alguma atividade que complementa a renda familiar. Percebe-se que as famílias artesãs conseguem arrecadar até R\$4.000,00 nos períodos de alta temporada do turismo cultural (Festival Folclórico) e do turismo internacional (temporada dos transatlânticos). Em contrapartida, nas demais épocas do ano, isto é, a baixa temporada, chegam a arrecadar entre um a dois salários mínimos.

Qualificação Profissional: neste tópico, os artesãos afirmaram que os mesmos ou seus netos e filhos estudam na Escola Municipal de Idiomas “Aldair Kimura Seixas”, que oferece cursos gratuitos de língua inglesa, espanhola e japonesa, facilitando o processo de comunicação e comercialização para o público estrangeiro.

Inserção do trabalho feminino: ainda é o trabalho masculino que predomina na maioria das etapas do processo de confecção das peças artesanais, pois necessitam de esforço físico para deslocar determinados troncos de árvores e manuseio de objetos cortantes. Assim, as mulheres que têm uma ocupação dividida entre os serviços domésticos, cuidar dos filhos e outros afazeres, somente quando resta tempo é que se dedicam a determinadas etapas do processo produtivo, consideradas etapas leves, como o lixamento, o acabamento e até mesmo a comercialização.

Fixação do artesão no seu local de origem: Verificou-se que 70% são oriundos do próprio município de Parintins e de outras comunidades ribeirinhas circunvizinhas, e que 65% residem na sede do município de Parintins há mais de 10 anos.

4.5.2 Sustentabilidade Cultural

Tais informações coletadas serão apresentadas por meio de categorias/ dimensões para discutir os possíveis benefícios/ problemas gerados pela atividade do artesanato em madeira e determinar suas contribuições para a sustentabilidade cultural.

Silva (2006, p. 86) faz referência às características específicas no processo de produção artesanal, que o associa a tradição e, assim, lhe confere um valor cultural.

A produção, geralmente de origem familiar ou comunitária, possibilita e favorece a transferência de conhecimentos de técnicas, processos e desenhos originais. Sua importância e valor cultural decorrem do fato de preservar a memória cultural de uma comunidade, transmitida de geração em geração (SILVA, 2006, p. 86)

Faria (2007) discute o conceito de cultura, aplicado ao artesanato está referenciado na arte, preferencialmente de natureza popular, criada por um povo de baixo poder aquisitivo, pertencente, em grande parte, aos estratos econômicos menos favorecidos. A arte popular artesanal, aqui defendida, não é aquela direcionada para o entendimento das massas, mas a arte criada por estas, como necessidade estética, funcional, ou de subsistência.

Crocco (2000) ainda complementa que o artesanato é um elemento ativo na sociedade e sua importância cultural se dá pela preservação de valores criativos e artísticos tradicionais e contemporâneos de cada região. O artesão tem o domínio de fazer artesanal e grande conhecimento sobre a matéria-prima e das tradições de sua coletividade, sua criação se caracteriza pela informalidade e pelo caráter empírico, onde o domínio das técnicas e habilidades é transmitido a cada geração.

O artesanato tem forte impacto na construção de uma identidade local, expressando a arte em suas diversas formas e contribuindo para caracterizar uma identidade cultural local. Assim, Cuche (1999) defende que o artesanato emerge como um contraponto à massificação e à universalização de produtos globalizados ao promover o resgate cultural e a identidade local.

A sustentabilidade cultural propõe um modelo de desenvolvimento centrado na valorização das peculiaridades locais, na perpetuação da tradição, no modo manual de confeccionar o artesanato, em uma cultura de cooperação e parceria, objetivando encontrar caminhos para viabilizar o desenvolvimento local e o aprimoramento de suas potencialidades.

Nessa perspectiva, torna-se necessário elencar as categorias que englobam a sustentabilidade cultural, tais como: preservação da cultura local; uso e apropriação de elementos simbólicos regionais; utilização de matéria-prima local.

Preservação da cultura local: a cidade de Parintins possui uma forte identidade cultural, pautada na festa dos bois-bumbás Garantido e Caprichoso, proporcionando elevado valor agregado às peças artesanais como ferramenta estratégica de comercialização, explorando as cores azul e branca, e vermelha e branca. No artesanato em madeira visualiza-se as seguintes frases: *Lembrança de Parintins – AM* ou *Lembrança da Terra do Boi-Bumbá*. Além da “marca” boi-bumbá, o próprio cenário amazônico constitui-se como elemento diferencial e peculiar da região, com a confecção de réplicas representando a fauna e a flora.

Uso e apropriação de elementos simbólicos regionais: no processo das entrevistas com os artesãos, percebeu-se que em sua totalidade, os artesãos conseguem transmitir os elementos simbólicos da localidade, apropriando-se de símbolos da região amazônica (fauna e flora) e o modo de vida caboclo-ribeirinho e indígena. De acordo com Almeida e Dantas (2010), independente da forma organizacional que se adote em um processo produtivo artesanal, a valorização dos aspectos culturais locais pode resultar em uma valorização dos produtos baseada no território ao qual pertence. No caso da produção de artesanato, os aspectos culturais ligados à produção tornam-se mais evidentes, pois os símbolos locais são evocados nos artefatos produzidos. Este procedimento permite que os produtos do artesanato local sejam valorizados por seu pertencimento a este determinado lugar.

Utilização de matéria-prima local: verificou-se que os artesãos possuem grande conhecimento das matérias-primas utilizadas na confecção dos artesanatos em madeira, sobretudo nos períodos e locais de coleta e de secagem; nomes das raízes, sementes e ouriços. Em contrapartida, no processo de acabamento das peças, os artesãos utilizam produtos industrializados (vernizes), que, segundo relatos, são rejeitados por alguns turistas internacionais.

4.5.3 Sustentabilidade Ambiental

Autores como Becker (1992), Nascimento (2012), Costa (2007), Sachs (1986), entre outros discutem a sustentabilidade ambiental, revelando os benefícios ambientais que o artesanato proporciona para a atualidade e as gerações futuras. A tendência ao novo estilo de desenvolvimento tem como base a apropriação de tecnologia em atividades com menor desperdício de matérias-primas, como também com insumos oriundos de manejo florestal e capaz de adequar corretamente o destino dos resíduos produzidos no processo de confecção das peças.

A partir disso, essa seção faz uma reflexão em torno das questões ambientais presentes na cadeia produtiva do artesanato em madeira na cidade de Parintins e na comunidade Santa Maria – Vila Amazônia, nessa perspectiva, destaca-se as seguintes categorias/ dimensões: racionalização na extração da matéria-prima; utilização de matéria-prima natural/ renovável; adequabilidade dos resíduos sólidos oriundos do processo de confecção.

A sustentabilidade ambiental baseia-se no uso máximo do potencial da biodiversidade sem que este se deteriore, aproveitando integralmente a matéria-prima disponível com o mínimo de impacto ambiental, através da busca de conservação de energia e recursos, substituir recursos escassos por renováveis ou em abundância, desenvolver tecnologias capazes de com o mínimo de impacto obter o máximo de eficiência (SACHS, 2002). Trata-se, portanto, produzir e consumir de forma a garantir que os ecossistemas possam manter sua autorreparação ou capacidade de resiliência.

Para Sachs (1986) na atualidade há a necessidade de se implantar medidas sustentáveis como: usar os recursos de forma menos intensiva e menos degradante, priorizar a utilização de recursos renováveis. O autor considera ainda a peculiaridade e a relevância de um dos elos da cadeia produtiva do artesanato que é o manejo da matéria-prima, o qual pode funcionar como alternativa sustentável de desenvolvimento.

De acordo com Becker (1992), a tendência a um novo estilo de desenvolvimento é bem reconhecida, isso gera um uso de informação e de tecnologia em atividades com menor desperdício de matérias-primas e combustíveis, uso de insumos de baixo custo ambiental e capaz de produzir pouco rejeito.

Os itens elencados anteriormente se tornarão essenciais para analisar se o artesanato produzido em Parintins/ AM, atende todos os requisitos da sustentabilidade ambiental da atividade e do meio que o circunda.

Racionalização na extração da matéria-prima: Para a confecção do artesanato em madeira, os artesãos apropriam-se do uso de raízes, sementes, ouriços e troncos de árvores. 70% dos artesãos entrevistados afirmaram que a coleta da matéria-prima ocorre diretamente na natureza às margens de rios, lagos e paranás; outros 30% compram dos donos de terrenos em áreas rurais. Os artesãos afirmaram que todas as matérias-primas até hoje utilizadas no artesanato são encontradas com facilidade na região. Apenas ocorre escassez em períodos sazonais devido ao seu ciclo natural. Isto torna-se contraditório pois, mesmo não havendo reflorestamento das espécies de madeiras, ainda é abundante, porém a extração desordenada da matéria-prima sem a devida reposição, implicará em escassez, comprometendo a continuidade da atividade.

Utilização de matéria-prima natural/ renovável: De acordo com os artesãos entrevistados, apesar de apropriarem-se de produtos industrializados para a pintura e acabamento das peças, em sua maioria, são as matérias-primas naturais mais predominantes na composição do artesanato (sementes, ouriços, troncos, raízes, cipós).

Adequabilidade dos resíduos sólidos oriundos do processo de confecção: Segundo um dos relatos, a espécie de madeira mais utilizada no artesanato é o Molongó (*Ambelania acida*), que além de ser leve para o transporte, não gera resíduos, isto é, todas as sobras são aproveitadas em peças ou detalhes menores, como por exemplo, os holofotes dos barcos, os chifres dos bois-bumbás miniatura, brincos e colares. Os resíduos resultantes de matérias primas industrializadas são descartados para a lixeira pública do município. É importante destacar que as sobras de madeiras de movelarias são aproveitadas como a base ou plataforma do artesanato.

4.5.4 Sustentabilidade Econômica

Torna-se necessário elencar as categorias que englobam a sustentabilidade econômica, tais como: artesanato em madeira como atividade principal; estratégias de comercialização do artesanato em madeira; acesso aos mercados; troca da moeda estrangeira. Tais informações coletadas serão apresentadas por meio de categorias/ dimensões para discutir os possíveis benefícios/ problemas gerados pela atividade do artesanato em madeira e determinar suas contribuições para a sustentabilidade econômica.

De acordo com Nascimento (2012), a sustentabilidade econômica supõe o aumento da eficiência da produção e do consumo com economia crescente de recursos naturais, com

destaque para recursos permissivos como as fontes fósseis de energia e os recursos delicados e mal distribuídos, como a água, minerais e recursos florestais, este último intrinsecamente ligado à atividade do artesanato em madeira.

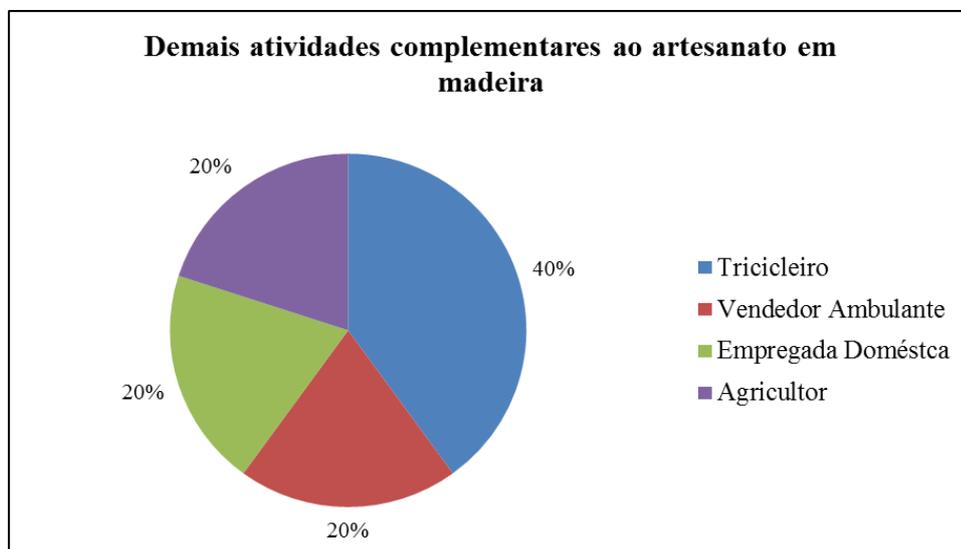
Freeman (2010) complementa ainda que o processo de globalização caracteriza-se pela desindustrialização de muitas economias, assim como pela fragmentação das cadeias de produção e a integração financeira em escala mundial. Paralelamente, percebe-se o aumento da demanda por produtos criativos aliados ao setor de turismo: a valorização da cultura local, do patrimônio material de um povo, da experiência, do único, do singular, que o diferencia das demais localidades.

Aliando a sustentabilidade econômica às políticas públicas, Reis e Marco (2009) descrevem que a efetividade dessas políticas passa pela implementação de projetos que criem ambientes favoráveis ao desenvolvimento da economia local e que promovam a inclusão produtiva da população, priorizando aqueles que se encontram em situação de vulnerabilidade social, por meio da formação e qualificação profissional e da geração de oportunidades de trabalho e renda.

Os itens a serem discutidos neste tópico, estão descritos a seguir:

Artesanato em madeira como atividade principal: 67% dos artesãos entrevistados afirmaram que não desempenham outra atividade, além do artesanato. Outros 33% responderam que exercem alguma atividade que complementa a renda familiar. Quanto às demais atividades complementares ao artesanato em madeira, o gráfico 09 demonstra algumas delas, tais como: funcionário público, agricultor, vendedor, marceneiro, doméstica, tricicleiro.

Gráfico 09: Demais atividades complementares ao artesanato em madeira.

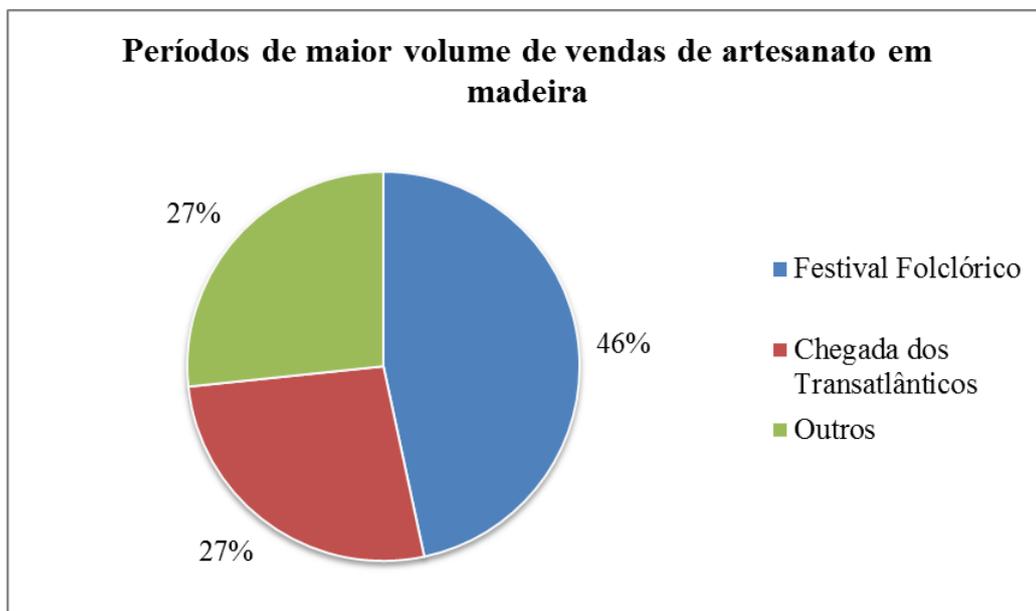


Fonte: Pesquisa de campo (2014)

É importante destacar que alguns agricultores deixaram a roça em áreas rurais e foram para a cidade trabalhar com artesanato. Percebe-se que o artesanato deixou de ser uma atividade marginalizada ou complementar, em sua grande maioria, caracteriza-se como a fonte principal e exclusiva das famílias artesãs.

Estratégias de Acesso aos Mercados: Os artesãos foram questionados quanto ao período que mais comercializa o artesanato em madeira no município de Parintins. No gráfico 10 visualiza-se que 46% dos entrevistados afirmaram que o maior volume de vendas das peças ocorre no final de mês de junho, que compreende a realização do Festival Folclórico. Outros 27% alegaram que o período da temporada dos transatlânticos, entre os meses de novembro a maio, caracteriza-se como a segunda maior oportunidade de vendas do artesanato em madeira. Os demais 27% compreendem a comercialização por encomenda ou atacado, em que clientes empreendedores locais e das regiões Sul e Sudeste compram dezenas de peças em períodos não-determinados, conforme as suas necessidades.

Gráfico 10: Períodos de maior volume de vendas de artesanato em madeira.



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

De acordo com os artesãos entrevistados, existem diferentes pontos de comercialização do artesanato em madeira na cidade de Parintins. Entre os meses de novembro a abril, no período da chegada dos transatlânticos, barracas cedidas pela Setrab são instaladas em frente ao Porto de Parintins (Figura 16); no mês de junho ocorre os *stands* de exposição na praça da Catedral de “Nossa Senhora do Carmo” (Figura 15), considerado ponto

estratégico, pois localiza-se entre o porto de Parintins e o Bumbódromo; no Aeroporto Municipal “Júlio Belém” e nas residências dos artesãos (Figura 17).

Alguns artesãos comercializam para Manaus, destinadas à “Feirinha da Eduardo Ribeiro” e até mesmo para barracas localizadas nos *shoppings* da cidade; outros comercializam até para as regiões Sul e Sudeste do Brasil. É importante que os artesãos-vendedores ou até mesmo membros da família, possuam ao menos uma língua estrangeira para facilitar a comunicação com o turista e alcançar êxito na venda das peças artesanais.

Figura 15: Comercialização do artesanato em *stands* de exposição.



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Figura 16: Comercialização do artesanato no porto de Parintins, com a temporada dos transatlânticos.



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Figura 17: Comercialização do artesanato na própria residência da artesã.

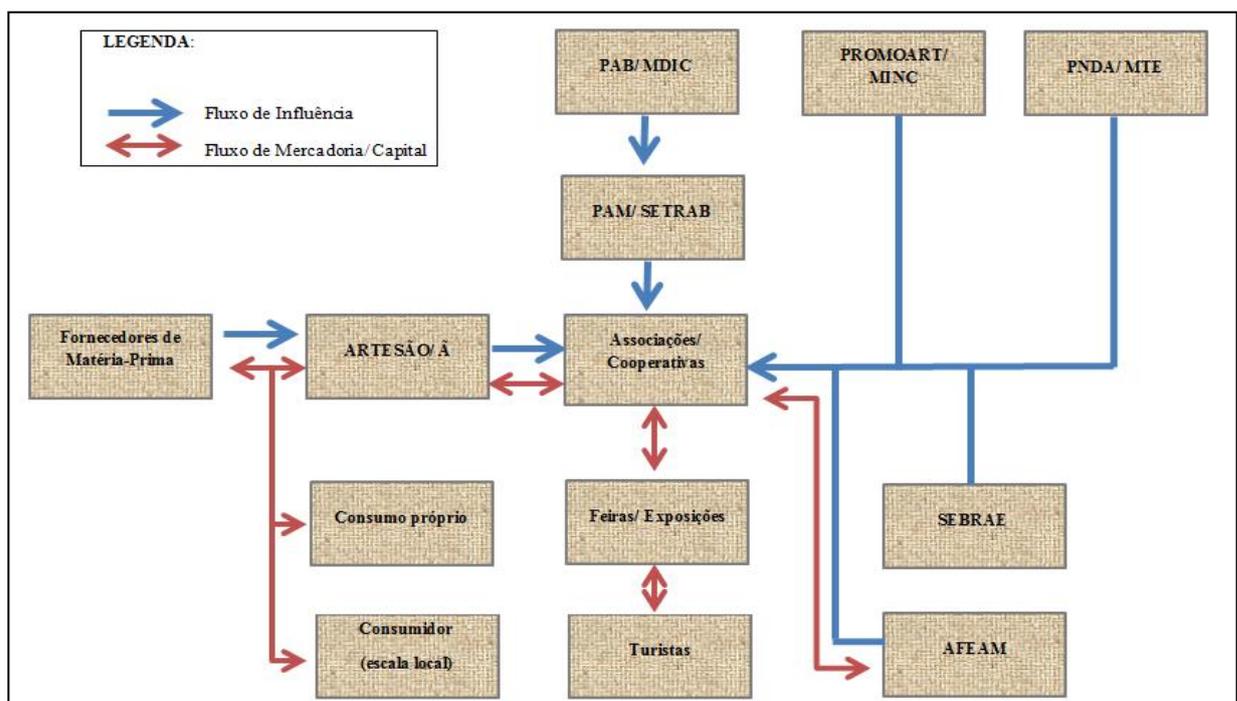


Fonte: Pesquisa de campo (2014)

Troca da Moeda Estrangeira: Quando os artesãos foram questionados sobre a troca de moeda estrangeira (euro, e principalmente o dólar), os mesmos responderam que dependem da troca arbitrária de empresários locais, visto que as agências bancárias da cidade não efetuam o câmbio. Segundo relatos, em 2014, a quantia de \$1 (um) dólar era equivalente à R\$2,00; e R\$3,00 para as notas de cinco, dez e vinte dólares, já discutido em Fonseca (2010). Alguns empresários trocam o dólar por rancho e higiene pessoal e doméstica; outros trocam os valores em espécie. Neste caso, essa troca arbitrária de moeda estrangeira caracteriza-se como imoral e exploradora, e não há perspectiva de interferência das autoridades municipais para solucionar essa problemática. Neste sentido, torna-se inadmissível que, em uma cidade como Parintins, conhecida internacionalmente pela sua expressão cultural, não possua casas de câmbio para efetuarem as trocas de moedas estrangeiras. Isso desmotiva os turistas e faz com que os mesmos não retornem à cidade em outra temporada, além de que a economia do município fica fragilizada.

Fluxograma da Cadeia Produtiva do artesanato em madeira: Para compreendermos os fluxos de influência e de mercadoria/ capital da cadeia produtiva do artesanato em madeira no município de Parintins, o fluxograma abaixo esclarece essas relações e os agentes que impactam no desenvolvimento da atividade local:

Figura 18: Fluxograma da Cadeia Produtiva do artesanato em madeira de Parintins/ AM.



Fonte: Pesquisa de campo (2014)

No fluxograma acima, destaca-se os agentes que impactam direta e/ ou indiretamente na atividade do artesanato em madeira no município de Parintins. Ao centro desse processo, tem-se as associações e cooperativas que recebem apoio direto do Programa do Artesanato Amazônico, administrado pela Setrab – Amazonas, que atua nas ações de divulgação e comercialização do artesanato local. A nível federal, tem-se o Promoart, ligado ao Ministério da Cultura, que desenvolve ações de valorização e preservação das técnicas conservadoras e manuais da confecção do artesanato, e o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato, com o objetivo de coordenar a produção e comercialização do artesanato. Porém, segundo os artesãos, apenas o PAM, através do PAB, realizam atividades efetivas todos os anos no período do Festival Folclórico, enquanto que os demais não desenvolvem atividades frequentes.

O Sebrae – Unidade Parintins contribui para a formalização do setor e ampliação do acesso ao crédito, realização de oficinas e treinamento, desenvolvendo o empreendedorismo nos artesãos locais. A Afeam, por sua vez, atua no acesso ao crédito e fomento, com linhas de empréstimos específicas e com juros mais baixos. Porém, no começo do ano de 2015, a Gerência Local da Afeam em Parintins foi extinta, e todos os procedimentos junto à instituição ficaram concentrados em Manaus, dificultando o acesso ao crédito dos artesãos.

Demais agentes compõem a cadeia produtiva, tais como: turistas nacionais e internacionais, que impactam diretamente na atividade, por meio da compra das peças artesanais no porto de Parintins, na praça da Catedral, no aeroporto e nas residências dos artesãos; além dos fornecedores de matérias-primas, como a madeira, sementes e cipós.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, foram realizadas discussões e reflexões sobre desenvolvimento local, sustentabilidade, políticas públicas, turismo e o artesanato em madeira na comunidade Santa Maria – Vila Amazônia e na cidade de Parintins. Percebeu-se que as contribuições dos diversos autores possibilitaram o embasamento teórico para a construção das seções seguintes deste trabalho.

A ausência de políticas públicas municipais voltadas para os diversos setores da sociedade e o esgotamento dos recursos naturais que compromete a continuidade de diversas atividades econômicas, em especial o setor do artesanato, são algumas das características que permeiam o modelo de desenvolvimento presente. Nesse contexto, a discussão de novas propostas voltadas para o fortalecimento das economias de base endógena, assegurando a preservação da cultura local, a conservação dos recursos naturais, capacitação dos artesãos, bem como a geração de emprego e renda para famílias, o bem-estar e melhoria da qualidade de vida dos artesãos e familiares caracterizam-se como grandes desafios a serem superados. Este trabalho ganhou destaque ao discutir sobre o artesão e o artesanato em madeira no município de Parintins sob o olhar de um modelo ampliado, flexível e sistêmico de desenvolvimento, capaz de atender às demandas locais a partir das dimensões ambientais, sociais, econômicas e culturais.

A partir da análise do capítulo um, sobre a inserção do artesanato no contexto da sustentabilidade e desenvolvimento local, observou-se a importância de discutir o artesanato de forma sistêmica, sob o enfoque nas dimensões social, ambiental, econômica e cultural. Em relação ao desenvolvimento local, o município de Parintins ainda carece de articulações entre os atores locais e de criação de políticas públicas, sobretudo na esfera municipal, direcionadas ao artesanato e desenvolvimento local. O artesanato em madeira, por si só, poderá representar um potencial para o desenvolvimento do município, desde que esteja integrado de forma mais precisa a outros setores, como por exemplo, o turismo, que pode ser objeto de ações estratégicas com foco no desenvolvimento local.

No capítulo três, discutiu-se o artesanato na perspectiva do turismo e das políticas públicas. Percebeu-se que somente há atuação das políticas públicas em níveis federal e estadual voltadas para o fortalecimento e organização da atividade do artesanato em madeira

em Parintins, contribuindo assim para a qualificação do artesão, da melhoria de seus produtos e no apoio à comercialização.

A partir dessa fragilidade da atuação do poder público municipal no setor, apresenta-se como proposta a criação de um Programa Municipal de Fortalecimento do Artesanato Associada ao Turismo, com os objetivos de assegurar ao município o desenvolvimento turístico integrado; incentivar a produção do artesanato e a manutenção da geração de emprego e renda; fortalecer as tradições culturais e valorizar a identidade local; promover a integração da atividade artesanal com outros setores; incentivar a qualificação dos artesãos e apoiar a comercialização nos diferentes pontos turísticos da cidade e nos diversos eventos e exposições no Brasil e exterior.

No que refere-se à interação entre turismo e o artesanato em madeira em Parintins, observou-se que, este último possui estreita relação com o evento mais expoente do calendário turístico anual que ocorre no mês de junho, o Festival Folclórico, destacando os bois-bumbás Garantido e Caprichoso. Nos cenários nacional e internacional, Parintins possui uma “marca” que a diferencia das demais localidades produtoras de artesanato, denominada “Terra dos Bois-Bumbás”, frase esta descrita na base das peças artesanais. Outro evento é a temporada dos transatlânticos, entre os meses de novembro a abril, onde o público-consumidor são turistas internacionais. Estes, por sua vez, além da compra dos bois-bumbás em miniatura, réplicas de aves, répteis e embarcações regionais são também comercializadas. Um fator crítico que merece destaque é a falta de estrutura portuária para ancorar embarcações de grande porte, neste sentido, como o público, em sua grande maioria são idosos, preferem não desembarcar na cidade, pois temem a travessia pelo rio Amazonas nos pequenos *boats*. Além disso, os ônibus fretados para o transporte desses turistas até os currais de apresentação dos bois-bumbás não apresentam acessibilidade, climatização e conforto. Todos esses problemas impactam diretamente no volume de vendas do artesanato e, claro, os artesãos são prejudicados com a queda na comercialização.

No capítulo quatro, discutiu-se as categorias e dimensões de sustentabilidade ambiental, social, econômica e cultural da cadeia produtiva do artesanato em madeira no município de Parintins – AM. Percebeu-se que algumas variáveis dessas categorias/dimensões necessitam de maior atenção, principalmente referente à sustentabilidade econômica, pois, de acordo com os entrevistados, a atividade do artesanato não caracteriza, em sua totalidade, como uma atividade exclusiva de geração de renda familiar, visto que o volume de vendas apenas em períodos sazonais, como o Festival Folclórico e a temporada dos

transatlânticos. No restante do ano, os artesãos necessitam desenvolver outra atividade complementar. Outro aspecto crítico diz respeito à troca arbitrária da moeda estrangeira, onde empresários locais determinam os valores da troca, visto que as agências bancárias da cidade não efetuam o câmbio, e essa problemática merece maior atenção do poder público. Na dimensão ambiental, conclui-se que o artesanato em madeira no município de Parintins – AM é insustentável, pois a matéria-prima é retirada de áreas de não-manejadas, gerando futuramente escassez de determinadas espécies de madeira, e conseqüentemente, comprometendo a continuidade da atividade. Outras variáveis das demais dimensões são menos críticas, mas que necessitam ser rediscutidas, tais como: geração de emprego e renda e a qualificação profissional.

Quanto a limitações do estudo, todo método tem dificuldades e limitações de operacionalização que surgem no decorrer da pesquisa. Em relação a este trabalho, podem-se apresentar algumas questões referentes à obtenção de literatura local/ regional sobre artesanato, dificultando a discussão teórica. Quanto as limitações na coleta de dados, a aplicação dos formulários e entrevistas aconteceu nos próprios ambientes de trabalho dos artesãos, e muitos não permitiam ser incomodados nos finais de semana. E como não foi fornecido pela associação o endereço ou contatos dos artesãos, o processo de coleta configurou-se como uma rede, onde determinado artesão repassava o contato ou endereço de outro, e assim, foi possível atingir a quantidade de 15 (quinze) artesãos prevista na metodologia.

REFERÊNCIAS

- ALCOFORADO, F. **Globalização e Desenvolvimento**. São Paulo: Nobel, 2006.
- ALMEIDA, J. D. de; DANTAS, L. C.. **Design, Participação, Associativismo e Valorização em base territorial no Artesanato Potiguar**. Anais do XXX Encontro Nacional de Engenharia de Produção. Maturidade e desafios da Engenharia de Produção: competitividade das empresas, condições de trabalho, meio ambiente. São Carlos, SP, Brasil, 12 a15 de outubro de 2010.
- AMAZONAS. Secretaria de Estado de Planejamento e Desenvolvimento Econômico (SEPLAN). **Condensado de informações sobre os municípios do Estado do Amazonas**. 9 ed. Manaus: 2012.
- AMAZONAS. Secretaria de Estado do Trabalho. **Mapeamento das Tipologias de Artesanato no Estado do Amazonas**. Manaus, 2012.
- ANDRADE, F. A. V.; FRAXE, T. de J. P.. **O consumo e a sustentabilidade sob a ótica do documentário "História das Coisas"**. Revista Eletrônica Contribuciones a las Ciencias Sociales, Maio 2013, ISSN: 1988-7833. Disponível em: <<http://www.eumed.net/rev/cccss/24/consumo-sustentabilidade.html>> Acesso em 25 julho 2014.
- ANDRADE, F. A. V.; SOUZA, P. A. R. **Diagnóstico e Caracterização dos players do Arranjo Produtivo Local do município de Parintins – AM**. Monografia do curso de Administração em Gestão Organizacional da Universidade Federal do Amazonas, Parintins, 2011.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **Normas para elaboração e apresentação de Trabalhos Acadêmicos**: baseado em normas vigentes da ABNT NBR 6023, 6027, 6028, 10520, 14724. São Paulo, 2014.
- BANDEIRA, P.. **Participação, articulação de atores sociais e desenvolvimento regional**. Brasília: DF: IPEA, 2009.
- BECKER, B. K. **Geografia Política e Gestão do Território no Século XXI**: Uma reflexão a partir do Brasil. *Revista Brasileira de Geografia*. Rio de Janeiro: IBGE, 1992.
- BENCHIMOL, S.. **Amazônia: formação social e cultural**. Manaus: Editora Valer, 1999.
- BRASIL. MDIC. Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio. **Programa do Artesanato Brasileiro**. MDIC, 2008. Disponível em: http://www.desenvolvimento.gov.br/portalmdic/arquivos/dwnl_1255094473.pdf
- BRASIL. PAB – Programa do Artesanato Brasileiro. **Cadeia Produtiva da Economia do Artesanato**. Coleção Monografias. São Paulo, 2009.

_____. **Atuação das Políticas públicas federais do artesanato brasileiro.** Brasília, 2012.

BRITO, M. L. S. **Processo de escolarização de jovens e adultos em áreas de assentamentos de Reforma Agrária na Amazônia na perspectiva do lugar: uma abordagem geográfica.** 2011. 105 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

BUARQUE, S. C. **Metodologia de planejamento do desenvolvimento local e municipal sustentável.** Material para orientação técnica e treinamento de multiplicadores e técnicos em planejamento local e municipal. Brasília, DF: IICA, 1999.

CALLIL, V. **Artesanato e Inclusão Social:** estudo sobre o artesanato em Nova Porto XV (Bataguassu – MS). Trabalho de Conclusão do curso de Turismo. São Paulo: UNESP, 2009.

CAMARGO, A. L. B. “Sustentabilidade - entraves globais e reflexões”. In: **Desenvolvimento Sustentável: dimensões e desafios.** Campinas: Papirus, 2003, p. 113-124.

CASASOLA, L. **Turismo e Ambiente.** São Paulo: Roca, 2003.

COSTA, A. de C. **Artesanato, turismo e desenvolvimento: uma abordagem à luz da Economia Criativa.** Partes revista virtual, 2007.

CROCCO, H. Artesanato e *Design*, História de uma Convergência. **Arcdesign**, São Paulo, n.13, p. 26-29, jul/ago. 2000.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999. 234 p.

DURIGAN, C. C.; LIRA, F. O. de; PEREIRA, R. F.. **Fibras de Índio:** arte e cultura no médio Rio Negro. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2012.

FARIA, H.; GARCIA, P. **Arte e identidade cultural na construção de um mundo solidário.** São Paulo: Instituto Pólis, 2002. 108 p. (Cadernos de Proposições para o Século XXI, v.1).

FARIA, I. F. de. **Ecoturismo Indígena, Território, Sustentabilidade, Multiculturalismo:** princípios para a autonomia. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Geografia Física – USP. São Paulo, 2007.

FLEURY, S. **Políticas Sociales y Ciudadania.** Banco Interamericano de Desarrollo. Instituto Interamericano para o Desarrollo Social (INDES), jun. 1999, mimeo, p. 11-33.

FONSECA, A. P. **(Eco)turismo e territorialidade: a (in)sustentabilidade na Boca da Valéria / Parintins – AM.** Dissertação (Mestrado em Ciências do Ambiente Sustentabilidade na Amazônia) – Centro de Ciências do Ambiente, Universidade do Amazonas, Manaus, 2010.

FRANÇA, P. R. R. **Festival Folclórico de Parintins:** impactos socioambientais na percepção dos atores locais. Dissertação de Mestrado do Centro de Desenvolvimento Sustentável. Universidade de Brasília, 2014.

FREEMAN, C. S. **Economia do Artesanato: desafios para seu desenvolvimento sustentável.** Trabalho de Conclusão de Curso do MBA em Gestão Cultural. Universidade Cândido Mendes. São Paulo, 2010.

GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

IDAM. **Levantamento Agropecuário do município de Parintins.** Parintins: IDAM, 2012.

IGNARRA, L. R. **Fundamentos do Turismo.** 1. ed. São Paulo, Editora Pioneira, 1999.

KRONEMBERGER, D. **Desenvolvimento Local Sustentável: uma abordagem prática.** São Paulo: SENAC, 2011.

LEMOS, M. E. S. **Artesanato como alternativa de trabalho e renda: subsídios para Avaliação do Programa Estadual de Desenvolvimento do Artesanato no Município de Aquiraz-CE.** Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Avaliação de Políticas Públicas da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza – CE: UFC, 2011.

LIMA, G. F. C. **O debate da sustentabilidade na sociedade insustentável.** In: Política e Trabalho. n. 13. UFPB: setembro, 1997.

LIMA, R. (2010). **Objetos: Percursos e Escritas Esculturais.** São José dos Campos, SP: Centro de Estudos da Cultura Popular/ Fundação Cultural Cassiano Ricardo.

LIMA, R. G. **Artesanato e arte popular: duas faces de uma mesma moeda?** CNFCP, 2007. Disponível em:
http://www.cnfcp.gov.br/pdf/Artesanato/Artesanato_e_Arte_Pop/CNFCP_Artesanato_Arte_Popular_Gomes_Lima.pdf

LOPES, B.; AMARAL, J. N. **Políticas Públicas: conceitos e práticas.** Belo Horizonte: Sebrae/MG, 2008.

MACHADO, A. F. *et al.* **Parintins para o mundo ver.** Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

MARINHO, H. **Artesanato: tendências do segmento e oportunidades de negócios.** Rio de Janeiro: SEBRAE/RJ, 2007.

MELO NETO, F. P.; FRÓES, G. T. **O novo desafio da gestão moderna: a sustentabilidade.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2002.

MILANI, C. **Teorias do Capital Social e Desenvolvimento Local: lições a partir da na Bahia.** Escola de Administração da UFBA (NPGA/NEPOL/PDGS). 2005.

MINISTÉRIO DA CULTURA- MINC. **Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural (Promoart).** Disponível em:
 <<http://mais.cultura.gov.br/2012/02/09/promoart-promocao-do-artesanato/>>. Acesso em: 10 de maio de 2014.

MINISTÉRIO DO TURISMO. **Segmentação do Turismo**: conceitos. Ministério do Turismo: Brasília, 2009.

MOESCH, M. A. **Produção do saber turístico**. São Paulo: Contexto, 2002.

MOUCO, I. M. **Design aplicado ao Artesanato**: uma ferramenta para a sustentabilidade: estudo de caso sobre a comunidade de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro de Acajatuba, Município de Iranduba/AM. Dissertação do Programa de Pós Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia – Universidade Federal do Amazonas. Manaus, 2010.

NASCIMENTO, E. P.do. **Trajatória da sustentabilidade**: do ambiental ao social, do social ao econômico. *Estud. av.*, São Paulo, v. 26, n. 74, 2012.

OLIVEIRA, A.P. **Turismo e desenvolvimento: planejamento e organização**. São Paulo: Atlas, 2005b.

OLIVEIRA, L. F. A. de. **Conhecendo Bambus e suas potencialidades econômicas**. Trabalho de conclusão do curso de Engenharia. Departamento de Engenharia de Materiais e Construção. Universidade Federal de Minas Gerais, 2013.

OLIVEIRA, L. S. de. **Tratado de Metodologia Científica**: Projetos de Pesquisa, TGI, TCC, Monografias, Dissertações e Teses. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.

PINHEIRO, W. M. **Políticas Públicas e Sustentabilidade na Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2012.

RAMOS, D. C. **Termo de referência**: atuação do Sistema SEBRAE no Artesanato: Brasília : SEBRAE, 2013.

REIS, A. C. F.; MARCO, K. de (Org.). **Economia da cultura**: ideias e vivências. Rio de Janeiro: e- Livre, 2009.

ROCHA, J. M. T. **Arte/Artesanato de Alagoas**. Maceió: SEC, s.d.

ROMEIRO, A. R. **Desenvolvimento sustentável**: uma perspectiva econômico-ecológica. *Estud. av.*, São Paulo, v. 26, n. 74, 2012.

SACHS, I. **Das coisas e dos homens**: Teoria do Desenvolvimento a espera de sua revolução copernicana. *Jornal da Ciência (JC E-Mail) - Notícias de C&T - Serviço da SBPC*, no. 1836. São Paulo, 23 de julho de 2001.

_____. **Desenvolvimento Includente, Sustentável**. Rio de Janeiro: Garamond, 2002.

_____. **Ecodesenvolvimento**: Crescer sem Destruir. São Paulo: Vértice, 1986.

SAMPAIO, H. **Olhares Itinerantes**: Reflexões sobre o artesanato e o consumo das tradições. São Paulo: Cadernos Arte Sol, 2005.

- SANCHO, A. **Introdução ao turismo**. Tradução de Dolores M. R. Corner. São Paulo: Roca, 2001.
- SANTOS, A. S. M. dos. **Segurança alimentar no ritmo das águas: mudanças na produção e consumo de alimentos e seus impactos ecológicos em Parintins-AM**. 2012. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília.
- SANTOS, T. de S. **Desenvolvimento Local e Artesanato**: uma análise de dois municípios de Minas Gerais. Dissertação do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais, 2012.
- SAUNIER, T. **Parintins**: memória dos acontecimentos históricos. Manaus: Valer, 2008.
- SERVETTO, M. **La Artesania en la zona Andina Argentina**: propuestas para el desarrollo. Córdoba: Servicio de publicaciones de la Universidad de Córdoba, 2008.
- SERVIÇO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS-SEBRAE. **A Arte da Terra-resgate da cultura material e iconográfica da Amazônia**. Belém: 2011.
- _____. **Incentivo do Sebrae ao artesanato brasileiro**. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/setor/artesanato/sobre-artesanato/artesanato-nosebrae/integra_bia?ident_unico=649>. Acesso em: 10 de agosto de 2014.
- SILVA, H. M. **Por uma teorização das organizações de produção artesanal**: habilidades produtivas nos caminhos singulares do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006. Tese de doutoramento. Escola Brasileira de Administração Pública de Empresas. Fundação Getúlio Vargas.
- SOLOW, R. **Growth Theory**: an exposition. 2.ed. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- TENÓRIO, F. G. **Elaboração de projetos comunitários**: abordagem prática. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2013.
- TORQUATO, F. T. **Administração Pública Brasileira**: avanços e retrocessos. São Paulo: Atlas, 2002.
- VEIGA, J. E. da. **Desenvolvimento Sustentável, o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração**. 11 ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- VILELA, D. **Workshop Design e Artesanato no Cenário Amazonense**. Manaus, 15 mar. 2005.

APÊNDICE – Formulário para os Artesãos

Formulário

Data da entrevista: _____

Comunidade/ Localidade: _____

I. IDENTIFICAÇÃO DO ENTREVISTADO (A)

1. Idade: _____.

Local de nascimento: _____

2. Estado civil:

() Solteiro(a)

() Casado(a)

() Divorciado(a)

() Outro: _____

3. Nível de Escolaridade:

() Analfabeto

() Alfabetizado

() Ensino Fundamental Incompleto

() Ensino Fundamental Completo

() Ensino Médio Incompleto

() Ensino Médio Completo

() Ensino Superior Incompleto

() Ensino Superior Completo

II – PERFIL SOCIOECONÔMICO DO ARTESÃO

6. Há quanto tempo você trabalha com o artesanato na tipologia de madeira?

() Menos de 1 ano

() De 1 a 5 anos

() De 5 a 10 anos

() Acima de 10 anos

7. Outro(s) membro(s) familiar(es) trabalha(m) na atividade do artesanato?

() Sim () Não

Se sim, qual o grau de parentesco?

() Esposo(a) () Filho(a) () Pai ou mãe

Outro: _____

8. Em média, qual a renda mensal obtida apenas com a atividade do artesanato em madeira?

- () Menos de um salário mínimo
 () Entre um a dois salários mínimos
 () Entre dois a cinco salários mínimos
 () Acima de cinco salários mínimos

9. Com a renda obtida através do artesanato, você melhorou as suas condições de vida?

() Sim () Não

Por quê?

10. Houve aquisição de algum bem comprado com a renda do artesanato?

() Sim () Não

Se sim, qual ou quais?

11. Você possui outra fonte de renda?

() Sim () Não

Se SIM, qual outra atividade exerce?

12. Você ou outro membro recebe algum tipo de benefício social para complementar a renda familiar?

() Sim () Não

Se SIM, quais são:

- () Bolsa Família
 () Previdência Social
 () Auxílio – Moradia
 () Outros: _____

Você adquiriu alguma doença com o exercício da atividade do artesanato?

Sim Não

Se SIM, enumere a(s) doença(s):

III – CARACTERIZAÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO DO ARTESANATO EM MADEIRA

13. Quais as espécies de madeiras mais utilizadas na confecção do artesanato?

14. Além da madeira, existem outras matérias-primas que você utiliza na confecção do artesanato?

Sim Não

Se SIM, quais são:

15. Identifique a origem da matéria-prima:

Área de Manejo Florestal

Área de Floresta não-manejada

Área particular de seu próprio terreno residencial

Outro: _____

16. Quantas horas/dia são dedicadas exclusivamente à produção do artesanato?

Até 4 horas/dia

De 4 a 8 horas/dia

Acima de 8 horas/dia

17. Como você aprendeu a confeccionar o artesanato em madeira?

Conhecimento nato

Conhecimento hereditário

Conhecimento obtido em oficinas e cursos promovidos por instituições do Sistema S

() Outros: _____

18. Todo o processo produtivo do artesanato em madeira é apenas manual?

() Sim () Não

Se NÃO, descreva quais as etapas do processo produtivo são mecanizadas:

19. Quais as ferramentas que você utiliza na confecção do artesanato em madeira?

() Pincel

() Goivas

() Furadeiras elétricas

() Lixas

() Outros: _____

20. Quais os principais produtos do artesanato em madeira que você comercializa?

() Colares, pulseiras, anéis e tiaras

() Chaveiros

() Artigos de decoração (Bois-Bumbás Garantido e Caprichoso/ paisagem amazônica)

() Imagens religiosas

() Outros: _____

21. O que você faz com os resíduos de matéria-prima?

() Reutiliza ou recicla () Se desfaz em local adequado () Descarta em qualquer lugar

() Não se preocupa () Não existe local adequado

() Doa para outro artesão ou grupo de produção () Outros: _____

22. O governo ou ONG's desenvolvem projetos voltados para o artesanato?

() Não

() Sim

Se SIM, quais?

23. Qual o período em que mais se comercializa o artesanato em madeira no município de Parintins?

() Festival Folclórico de Parintins

() Chegada dos Transatlânticos

() Festas Religiosas

() Outros: _____

24. Quais os critérios utilizados para determinar o valor do artesanato?

() O custo da matéria-prima

() O tempo gasto na fabricação

() O acabamento

() A dificuldade e beleza do artesanato

() O tamanho

() Outros: _____

25. Quem são os principais clientes do artesanato em madeira no município de Parintins?

() Turistas

() População local

() Outros: _____

26. Há espécies de madeira utilizadas para a confecção do artesanato que já foram extintas?

() Sim

() Não

Se SIM, enumere-as: _____

27. Descreva como ocorre a troca da moeda estrangeira no mercado local.

Anexos

Quadro 06: Programação da Temporada 2013 – 2014 de Cruzeiros no Porto de Parintins

NOMES DOS CRUZEIROS	DIA	HORÁRIO DA CHEGADA	HORÁRIO DA SAÍDA
Silver Cloud	21/11/2013	12:00h	18:00h
Regatta	23/11/2013	11:00h	18:00h
Prinsendam	10/12/2013	08:00h	17:00h
Seven Seas Navigator	12/12/2013	11:00h	18:00h
Pacific Princess	03/01 – 04/01/2014	18:00h	13:00h
Albatros	06/01 – 07/01/2014	17:00h	13:00h
Pacific Princess	08/01 – 09/01/2014	12:00h	07:00h
Albatros	11/01/2014	12:00h	18:00h
Seven Seas Mariner	15/01/2014	12:00h	18:00h
Marco Polo	25/01/2014	12:00h	18:00h
Prinsendam	03/03/2014	08:00h	14:00h
Seabour Quest	09/03/2014	12:00h	20:00h
Minerva	13/03/2014	08:00h	14:00h
Minerva	17/03 – 18/03/2014	13:00h	06:00h
Maasdam	18/03/2014	08:00h	17:00h
Boudicca	07/04/2014	08:00h	13:00h
Regatta	09/04/2014	12:00h	18:00h
Bremen	11/04/2014	12:00h	23:00h
Bremen	05/05/2014	14:00h	22:00h

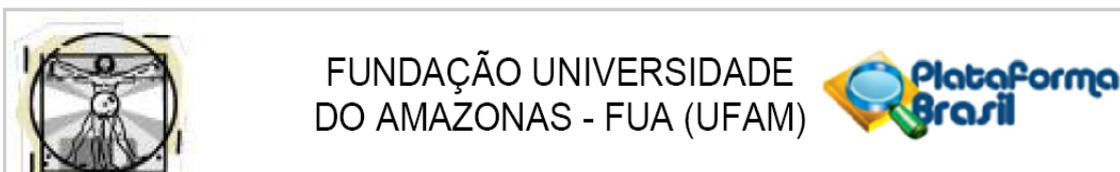
Fonte: Superintendência Estadual de Navegação, Portos e Hidrovias – SNPH (2013)

Quadro 07: Programação da Temporada 2014 – 2015 de Cruzeiros no Porto de Parintins

NOMES DOS CRUZEIROS	DIA	HORÁRIO DA CHEGADA	HORÁRIO DA SAÍDA
Seabourn Quest	07/11/2014	07:00h	15:00h
Regatta I	17/11/2014	11:00h	18:00h
Prinsendam I	05/12/2014	08:00h	17:00h
Seven Seas Navigator	06/12/2014	11:00h	19:00h
Silver Whisper	07/12/2014	12:00h	19:00h
Insignia	31/12/2014	11:00h	17:00h
Hamburg	14/01/2015	13:00h	18:00h
Marco Polo	25/01/2015	12:00h	18:00h
Silver Cloud	06/02/2015	12:00h	19:00h
Prinsendam	02/03/2015	08:00h	14:00h
Maasdam	03/03/2015	08:00h	17:00h
Seabourn Quest	18/03/2015	12:00h	18:00h
Regatta	19/03/2015	08:00h	17:00h
Bremen	28/03/2015	12:00h	23:59h
Hanseatic	10/04/2015	12:00h	23:59h
Bremen	21/04/2015	14:00h	22:00h
Hanseatic	03/05/2015	14:00h	22:00h

Fonte: Superintendência Estadual de Navegação, Portos e Hidrovias – SNPH (2014)

APÊNDICE– Protocolo de Aprovação do CEP/UFAM



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: PRODUÇÃO ARTESANAL E DESENVOLVIMENTO LOCAL NO MUNICÍPIO DE PARINTINS/AM

Pesquisador: FRANCISCO ALCICLEY VASCONCELOS ANDRADE

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 36316514.0.0000.5020

Instituição Proponente: Centro de Ciências do Ambiente

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 804.210

Data da Relatoria: 24/09/2014

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O protocolo atende a Resolução 466/12 e complementares.

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

MANAUS, 24 de Setembro de 2014

Assinado por:
Eliana Maria Pereira da Fonseca
 (Coordenador)

Endereço: Rua Teresina, 4950

Bairro: Adrianópolis

CEP: 69.057-070

UF: AM **Município:** MANAUS

Telefone: (92)3305-5130

Fax: (92)3305-5130

E-mail: cep@ufam.edu.br